MANIFESTO

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA-ALA VERMELHA

Manifesto da União Reconstrução Comunista-Ala Vermelha

"A feroz luta de classes e o vigoroso movimento das massas proporciona o teste para os revolucionários." (Yu Kuang-yuan, 1959)

Conteúdo

"Um se divide em dois: este é um fenômeno universal, isto é dialética.
(Mao Zedong, *Método dialético para a unidade interna no Partido, 1957*)

A União Reconstrução Comunista-Ala Vermelha (URC-AV) declarará, por meio deste manifesto, as razões de sua existência, sua Ideologia, sua oposição às teses direitistas e ao burocratismo do Comitê Organizacional (CO) da União Reconstrução Comunista (URC) e suas críticas à prática incompatível com o Marxismo-Leninismo-Maoísmo (MLM) da organização, cuja direção encontra-se dominada pelo oportunismo de direita, mesmo que ela seja composta de companheiros e companheiras, principalmente a nível de recrutamento, honestos e dispostos a adentrarem ativamente um processo de retificação e de compreensão real da luta pela reconstituição do Partido Comunista do Brasil. Escrevemos este manifesto em sentimento de camaradagem com estes companheiros e companheiras e em repúdio às medidas burocráticas do CO para entravar a retificação necessária à organização. Não aceitamos o entrave, pois esta não seria posição comunista de nossa parte, nem jamais o aceitaremos. Como ficará claro, tal declaração, pública, tornou-se em algo incontornável e necessário para que a luta de duas linhas continuasse. Todos poderão julgar a justeza de nossas proposições.

Impor a Linha Vermelha!

A URC, organização que se reclama, ao mesmo tempo, e indiscriminadamente em suas redes de comunicação, adepta do Marxismo-Leninismo, do Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Zedong e do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, de fato apresenta-se como uma organização sem ideologia definida e submissa a uma linha confusa e revisionista, imposta de fora e jamais verificada como justa pelas massas brasileiras, que dita que tais termos, especificamente os dois últimos, são intercambiáveis. O Comitê Organizacional, reclamando-se um futuro órgão dirigente do Partido, tão obscuro que nem os recrutas da organização chegam a conhecer seus membros, é o instrumento burocratizado que encabeça e capitaneia o que só pode ser lido como uma negação de todas as etapas do Marxismo, principalmente da terceira e superior etapa, o Maoísmo.

Esta negação não se verifica apenas em suas proposições teóricas, mas de forma mais profunda em sua prática. Contrariando as justas reivindicações e ideias dos recrutas, o Comitê Organizacional da URC insiste em rechaçar a aproximação com organizações democráticas e revolucionárias de massas de todo o Brasil, chegando a chamar, em Congresso, uma das mais importantes entre elas, a Liga dos Camponeses Pobres (LCP), de ultraesquerdista e sectária. Da mesma forma, busca a conciliação com o oportunismo, confundindo propositalmente suas bases e buscando confundir as próprias bases honestas das organizações oportunistas ao proporem concepções absurdas sobre o suposto democratismo da direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e anti-imperialismo do reacionário e conciliador Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, sem jamais se retificar.

Em sua busca de "reconstruir" o Partido, não fazem outra coisa também que confundir suas bases sobre a história do Partido Comunista do Brasil (P.C.B.), a qual parecem estudar a título de curiosidade e não como forma de compreender o trajeto histórico da necessária elevação deste Partido a um Partido de Novo Tipo marxista-leninista-maoísta reconhecido e apoiado pelas massas e capaz de conduzir a luta política mais elevada das massas até a vitória final pela construção dos instrumentos da Revolução, das três varinhas mágicas. Escondem ou difamam o processo de reconstituição em curso há mais de 20 anos para se autopromover em seu arrogante infantilismo de direita.

O CO promove uma *Campanha* derrotada desde a concepção por uma suposta "segunda e definitiva independência", quando jamais houve qualquer independência, definitiva ou indefinida, no Brasil, senão a formal, que só será superada pela libertação desde o campo das massas, e isto pois jamais se resolveu o problema da terra. Assim, confunde a contradição principal no Brasil e faz propaganda digna da pequena-burguesia intelectual, mas não de comunistas, que devem dirigir todas as massas populares, coisa que não tem nem força nem capacidade para fazer em vista de sua imobilidade advinda de um ecletismo tosco e um culto aos livros incentivado pela própria organização.

De forma geral, são tão imóveis quanto aqueles que convivem já no atoleiro para o qual se direcionam na questão da defesa do povo e da luta popular, não mantendo atuação senão pontual, esporádica e extremamente reduzida e restrita a duas capitais na cidade e no movimento estudantil, não mantendo atuação alguma no campo, no movimento de mulheres ou em qualquer outra frente importante de luta. Enquanto

nosso povo sangra e morre e a organização não atua de forma concreta ou minimamente apreciável nas manifestações contra o genocídio de Bolsonaro e militares, nem chegando a propagandeá-las (tendo expulsado a grande maioria de nós, que atuamos de forma militante, pouco antes delas), o CO da organização defende a concepção burguesa de internacionalismo proletário e forma ou compõe comitês de solidariedade à "nações socialistas", assim analisadas sem o princípio marxista da crítica e mediante "investigações" as quais nem mesmo os membros mais próximos da organização sabem traduzir em palavras quando questionados. Enquanto nossa luta pela Revolução de Nova Democracia ocorre debaixo de nossos narizes, a URC fala em "construção socialista" onde nem mesmo ocorreram revoluções socialistas, algo que líderes como Maurício Grabois já compreendiam há décadas e que a URC não é capaz de reconhecer após mais de 8 anos de organização. Renegam e escondem a luta dos verdadeiros revolucionários do Brasil, não fazendo balanço ideológico justo de sua importância, chamando de ultraesquerdistas suas organizações com ligações profundas com as massas e apoiadas cada vez mais pelas massas por não se compromissarem com o oportunismo, como se apenas submetendo-se aos critérios do CO direitista pudessem ser feitos "trabalhos conjuntos" e como se essa submissão devesse ser desejável por algum motivo.

Verificando estes problemas e tantos outros, nossa fração buscou, primeiro internamente, tecer críticas em espírito comunista e fraternal à organização. Contudo, esta tentativa apenas nos apontou para um novo problema, que já se fazia aparente: o burocratismo do CO e seu desavergonhado direitismo. Desde o dia 15 de abril, em duas reuniões seguidas, que totalizaram em torno de 6h, foram discutidos problemas da organização. A discussão se estendeu até o dia 06 de junho, data na qual, em uma reunião que durou em torno de 3h, foi definida a expulsão de todos os críticos e mesmo de apoiadores da crítica, disfarçada de "desligamento", qualificado este, falsamente, até mesmo de "temporário".

A discussão democrática foi negada pelo CO, mas não nos submetemos à sua falsa autoridade, não a reconhecemos em nada e continuaremos a disputa em torno da linha marxista-leninista-maoísta. Desde o início, acossando companheiros em discussões intensas, extensas e sem qualquer aviso prévio dos temas, até o final, onde a discussão passou a ser abertamente negada e falseada em sua concepção democrática, onde companheiros foram "desligados" também sem direito à defesa e onde nenhuma de suas reclamações foram ouvidas, onde foram despejadas acusações

infundadas sobre os mesmos, durante e depois da reunião do dia 06 de junho, pudemos compreender cada vez mais a intenção verdadeira dos oportunistas de direita: dar cabo da luta interna para voltarem aos seus lugarezinhos confortáveis de grandes “intelectuais” e “investigadores” encastelados em cima de elogios pretéritos de lideranças capitulacionistas.

Na primeira reunião – um verdadeiro questionário ou sabatina sobre as concepções teóricas de um único companheiro e sobre suas relações com tais ou quais organizações democráticas e mesmo com jornais democráticos, feita por quatro membros da organização hegemonicamente orientados a antagonizar de forma ora condescendente ora acusatória e mentirosa ao companheiro –, além das nossas críticas, ali representadas, ficou definida a escrita e discussão democrática e ampla, entre todos os recrutas de todas as seções, de um documento formalizado sobre os problemas da organização a nível ideológico, a ser entregue no dia 15 de maio. Logo na reunião seguinte, formou-se um bloco de oposição às teses confusas dos membros recrutadores sobre a atuação com organizações oportunistas. Entre os dias 15 de abril e 15 de maio, o documento foi escrito, reescrito e revisado diversas vezes para que não sobrassem incongruências de cunho ideológico ou críticas sem fundamento. Na madrugada do dia 15 de maio, o documento foi apresentado com as desculpas do pequeno atraso, pois ainda foi feita uma última revisão para que fossem verificados problemas gramaticais ou ortográficos.

Entre o fim de maio e o início de junho, foram feitos alguns lembretes sobre a discussão, que deveria ter sido logo marcada, mesmo que não para o final de maio, tendo em conta a extensão do documento. O próprio atraso na discussão foi uma medida de contenção de seu impacto. No final de maio também foi descoberto por nossa ala que, diferente do proposto, o documento não havia sido disponibilizado para todos os recrutas. A seção de São Paulo não havia o recebido. Tendo questionado a seu recrutador um membro da seção de São Paulo, a quem o documento foi entregue, sobre a possibilidade da disponibilização deste aos demais, lhe foi respondido que esta seria uma decisão do CO. É estranho que uma organização com base em apenas dois lugares do Brasil – como já dito no texto, duas capitais – não consiga em semanas tomar apenas uma decisão simples, enviar ou não um documento para a seção de São Paulo. Seria preguiça típica de burocratas ou medo típico de oportunistas? Cremos que os dois. Tal resposta do recrutador paulista já era uma das grandes mentiras a serem contadas sobre o processo para garantir que os demais recrutas não o conhecessem

fiel e completamente, pois membros do CO estavam presentes na reunião do dia 15 de abril e ficou desde esta reunião definida a entrega e distribuição do documento entre recrutas, de forma geral, bem como a discussão dele. Aqui se definiu também o primeiro desrespeito com o intelecto dos recrutas que não estiveram envolvidos na confecção inicial do documento. Também neste momento, outros subscreveram ou buscaram discutir conosco desde já o documento. Vendo esta movimentação e o perigo que ela representava para sua posição, o CO preparou seu golpe burocrático final.

O golpe veio no dia 06, onde, em reunião anunciada como de recrutamento e sem tema definido, o recrutador da seção do Rio de Janeiro anunciou a expulsão disfarçada de "desligamento" dos que assinaram ou posteriormente subscreveram o documento. Esta medida foi assim definida primeiramente para calar a luta de duas linhas, as críticas à organização e para que a URC pudesse prosseguir no caminho definido por sua dúbia liderança ideológica desde os primórdios, o caminho da vacilação quanto à Ideologia e defesa do movimento revolucionário brasileiro e do ecletismo. Foi assim definido também para ameaçar todos os companheiros que se posicionaram em defesa da crítica ou pelo menos do debate dentro do recrutamento, deixando sobre suas cabeças a guilhotina da expulsão pronta a ser acionada. Ela colocou-se como incontestável na prática, pois a tentativa de defesa dos companheiros de suas críticas e de sua posição não foi ouvida e foi respondida com insultos a nível político e mesmo pessoal. No lugar do debate democrático, já definido, o porta-voz e propositor da medida burocrática, o recrutador responsável pelo núcleo do Rio de Janeiro, anunciou dois debates, o que definiu a segunda grande mentira e talvez a maior mentira que seria concebida dentro do processo.

Que seriam estes dois debates? Um seria feito junto aos recrutas, no dia 04 de julho, excluindo-se, portanto, os redatores e todos que assinaram ou subscreveram o documento, já desligados, o que foi dito abertamente pelo burocrata. O segundo seria feito no Grupo de Estudos Pedro Pomar (GEPP), no dia 11 de julho, como debate aberto, no qual participariam os que assinaram ou subscreveram o documento. Tanto o primeiro quanto o segundo debate seriam falsos debates. O primeiro seria falso, desde então, pois não ocorreria de forma democrática entre os propositores da crítica, recrutas e seus opositores. Seria também falso pois já nasceria da rejeição completa da crítica e das propostas feitas no documento e não da atenção a estes fatores por parte da organização. O segundo, mais falso ainda, pois se daria em aberto e não internamente, isto é, como debate para a retificação interna da organização,

derrotando-se assim o próprio propósito da luta interna, negando-se suas bases. O debate aberto, dado o conteúdo do documento, representaria também risco para os que assinaram e subscreveram, uma vez que são discutidos assuntos que não podem ser levados a público com segurança sendo apresentados os nomes de todos os companheiros. Seria feito, decerto, tendo em conta a posição policialesca da direita da organização, isolando precisamente estes pontos que não podem ser discutidos em público com segurança, para que os companheiros, honestos e compromissados com a defesa da vida e da luta dos revolucionários no Brasil, não pudessem responder plenamente os questionários da direita. Seria feito, enfim, como forma de maquiar o burocratismo da decisão da expulsão dos companheiros. A direita se aproveitou de uma concepção estreita e falsa de uma discussão democrática para instituir de forma autoritária e, para ela, inquestionável seus dois falsos debates, instrumentalizando o GEPP para seus fins nefastos. Posteriormente, as datas foram invertidas, demonstrando novamente a incongruência e incompetência do CO. Além disso, foi revertida a expulsão de um dos que subscreveram o documento por puro oportunismo e medo das consequências. O companheiro não vacilou e pediu tratamento igual, por fim sendo desligado. Vemos com clareza a covardia do CO frente a agitação da maior parte dos recrutas ativos em torno da crítica na seção do Rio de Janeiro e a elevação da mentira a método político de contenção da luta de duas linhas.

A fração expulsa, desde o dia seguinte, dia 07 de junho, decidiu que não se submeteria às medidas da direita, passando a planejar seu boicote de ambos os debates se não fossem respondidas favoravelmente as suas exigências mínimas, encaminhadas formalmente, assinadas por todos que assinaram ou subscreveram o documento de crítica, para o GEPP, as quais foram: de reintegração imediata dos expulsos, apuração por comitê compromissado com a verdade para decidir se foi ou não burocrática a medida, retratação, caso fosse decisão do comitê, reconhecimento da luta de duas linhas a nível nacional e internacional e discussão ampla, democrática e interna do documento. Demos até o dia 13 de junho para a decisão do CO. Sendo a decisão desfavorável às exigências justas, definiu-se abertamente o boicote de nossa ala e iniciou-se sua formação como Ala Vermelha.

Assim, vemos qual é o motivo de nossa existência: existimos pois não aceitamos o entrave à crítica democrática e à luta de duas linhas dentro de organizações comunistas. Primeiro pela própria crítica e defesa da luta de duas linhas, depois pelo boicote ao falso debate proposto pelo CO da URC e, enfim, pela conformação de nossa

fração expulsa em ala contrária ao burocratismo do CO e ao seu direitismo, que continuará a luta como luta contra o oportunismo deste CO e pela conformação da esquerda da organização em nossa ala, bem como pela disputa de seu centro, surgimos. Desde nosso surgimento, mais companheiros egressos da URC antes e depois da proposição do debate e da execução das medidas burocráticas juntaram-se a nós, tendo compreendido a justeza de nossas críticas.

Avaliando todo o CO da organização como tomado pelo oportunismo de direita, o golpearemos até que caia. Diferente deles, não buscamos impor a Linha Vermelha pelo burocratismo, mas pela discussão democrática com os companheiros que compõem a esquerda e centro da organização, mantendo aberta em nossa ala a discussão e os processos de crítica, autocrítica e constante retificação, aprendendo com os grandes guias do Proletariado Internacional, Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lênin, Joseph Stalin, Presidente Mao Zedong e Presidente Gonzalo, e com os grandes revolucionários brasileiros, históricos, como Pedro Pomar e Maurício Grabois, e hodiernos, atuantes nas diversas organizações revolucionárias de nosso país.

Nossa imposição define-se no sentido de que esta bandeira que carregamos é uma única bandeira: a do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo. Esta é uma bandeira clara, que devemos hastear bem alto como mando e guia da Revolução Brasileira, como a bandeira que gerará nosso Pensamento Guia, como a bandeira que conduzirá nossa Revolução de Nova Democracia ininterrupta até o Socialismo. É precisamente esta bandeira que nos dota da capacidade e necessidade de aplicar a justa resolução das contradições no seio do povo, a luta de duas linhas com nossos companheiros e organizações democráticas e revolucionárias e de apoiar, defender e integrar a luta de classes em sua forma mais elevada, a Revolução Brasileira, trabalhando pela unificação das forças revolucionárias em favor da reconstituição do P.C.B. e da tomada do Poder.

Impondo a Linha Vermelha, destruímos a arrogância da direita da organização, presente principalmente nos seus altos escalões, passando a defender a reconstituição em curso do Partido Comunista do Brasil como Partido Comunista marxista-leninista-maoísta. Respeitamos os companheiros que já vem lutando e conseguindo imensas vitórias nesta reconstituição desde tempos idos, nos quais a URC não era sequer uma ideia, e buscamos aprender com eles, deixando a posição oposicionista firmada pela URC desde o CO aos que já estão destinados ao pântano. Nosso caminho é o glorioso e luminoso caminho da luta até a vitória final!

Nossa Ideologia

Desde que Karl Marx e Friedrich Engels deram suas primeiras contribuições para a Filosofia, Economia política e Socialismo Científico, as massas dotaram-se cada vez mais de uma única e potente arma para lutar contra seus exploradores e opressores. Engels sintetizaria o Marxismo em *Anti-Dühring*, abrangendo todas as mais importantes contribuições de ambos em seu grandioso esforço. O Marxismo, assim, se tornaria a Ideologia Científica do Proletariado Internacional, um guia para ação dos revolucionários.

Desde o *Manifesto do Partido Comunista*, porém, já delineava-se uma questão central do Marxismo: a questão do Poder. Marx e Engels disseram no *Manifesto* que a classe trabalhadora, para obter sua vitória contra os exploradores, deveria elevar-se à classe dominante, isto é, conquistar o Poder para si e usá-lo contra os que a atacavam, conformando-se em um Partido de vanguarda, oposto aos partidos burgueses. Em 1850, em *Lutas de classe na França*, e depois em 1871, em *Guerra civil na França*, definiu-se também que não bastava tomar o Poder estatal, mas era preciso destruir a máquina de Estado, instituir um Novo Poder, verdadeiramente proletário, estabelecendo a ditadura do proletariado.

Vladimir Ilitch Lênin aplicou criadoramente o Marxismo na Rússia, conseguindo junto aos bolcheviques estabelecer a primeira vitória do Socialismo no mundo. No decorrer das lutas pela Revolução Democrática e Revolução Socialista de Outubro, ele sintetizou a tese: “Salvo o Poder, tudo é ilusório”. Esta tese colocava-se em oposição às teses reformistas dos mencheviques e demais social-democratas submissos às ideias da Segunda Internacional degenerada. Ela tanto confirmava quanto aprofundava, na prática, os ensinamentos de Marx e Engels. Com a formação do primeiro Exército Vermelho a existir, forma orgânica de organização para o combate, Lênin pôde finalmente criar uma forma mais orgânica de luta revolucionária própria da classe trabalhadora: a guerra civil contra os inimigos do proletariado, os burgueses, latifundiários, burocratas, os instrumentos de repressão do Estado e o imperialismo. Lênin, e Joseph Stalin depois dele elevaram o Partido dos proletários a um novo patamar histórico, aquele necessário à época do imperialismo, de guerras generalizadas contra os povos, de transição completa da burguesia para a reação, na

qual apenas uma vanguarda da classe trabalhadora pode conduzir tanto reivindicações democráticas e uma Revolução Democrática quanto uma Revolução Socialista.

Mao Zedong, o maior marxista-leninista após a morte do camarada Stalin, buscou compreender profundamente as teses marxistas-leninistas e estudou a elas como todos os comunistas devem estudar quaisquer textos revolucionários: para buscar as aplicar em condições concretas e para as elevar. Ele definiu, portanto, que o Poder nasce da ponta do cano de um fuzil e que o Partido deve controlar o fuzil, nunca o contrário. Este é um grande salto, pois Mao definia em suas formulações que a guerra era a forma mais elevada de resolução dos conflitos políticos, isto é, que ela era a forma necessária sempre que se esgotavam as demais opções e a forma necessária de resolução das contradições antagônicas contra o inimigo de classe. Definia ainda que o Partido é instrumento central entre os três instrumentos da Revolução, sendo os dois outros o Exército de Novo Tipo e a Frente Única de todas as classes revolucionárias. Estes três instrumentos, Mao chamou "três varinhas mágicas".

O Marxismo tem como sua raiz mais profunda uma enorme e simples verdade; rebelar-se contra o velho Poder dos exploradores e contra a sociedade de classes é justo, racional, a única coisa que as classes exploradas podem fazer, pois nada têm a perder além de suas correntes. Esta arma, esta única arma, como vimos, não é uma arma parada no tempo, mas antes uma arma que desenvolveu-se historicamente com o desenvolvimento da luta de classes, o motor da história.

Engels sintetizou o Marxismo como uma doutrina científica e integral do proletariado, em suas três partes constitutivas, pois as lutas revolucionárias e as disputas entre o Socialismo Científico e as formas pré-marxistas ou burguesas de apreender o que seria o Socialismo assim demandaram. Os revolucionários precisavam de uma teoria revolucionária que os guiasse até a vitória. As linhas erradas dentro do Movimento Socialista e das formulações teóricas sobre o Socialismo precisavam ser combatidas.

Lênin avançou o Marxismo na medida em que aprofundou na prática e teoria suas verdades e conformou a teoria revolucionária à época imperialista, em todos os sentidos, não apenas no econômico. Stalin sintetizou o Leninismo fazendo estudo de todos os aportes universais do pensamento de Lênin, Pensamento Guia da Revolução Russa, lutando contra o revisionismo trotskista, social-democrata e aplicando na construção do Socialismo a ditadura do proletariado contra os exploradores e

opressores, bem como derrotando na Europa o imperialismo da Alemanha Nazista e atuando como guia da Revolução Mundial.

Mao definiu um Pensamento Guia da Revolução Chinesa em sua luta, o Pensamento Mao Zedong, o qual os companheiros do Partido Comunista da China sistematizaram e defenderam na Grande Revolução Cultural Proletária. Este Pensamento, seus aportes, isto é, foram adotados por diversas nações dentro do contexto do Grande Debate, à época da restauração capitalista na União Soviética de Nikita Khruschov, depois de Leonid Brejnev e Mikhail Gorbachov. Na Índia, na Turquia, no Nepal, nas Filipinas, no Peru etc. este Pensamento levou à frente a luta revolucionária. Guerras populares foram lançadas pelos que o seguiam. Aqui no Brasil, Pedro Pomar representa um dos maiores guias de nosso proletariado adeptos das teses do Presidente Mao Zedong. O Partido Comunista do Brasil (PCdoB), o Partido Comunista Revolucionário (PCR) de Manoel Lisboa e o Partido Comunista do Brasil-Ala Vermelha (PCdoB-AV), todos adotaram à época da Ditadura Militar aportes do Pensamento Mao Zedong com maior ou menor sucesso.

É no Peru, porém, em 1982, dois anos após ser lançada a Guerra Popular dirigida pelo Partido Comunista do Peru, que tornou-se possível fazer síntese dos aportes universais do Pensamento Mao Zedong e elevá-lo à posição de Ideologia, ao que conhecemos como Maoísmo. O líder do Partido Comunista do Peru, o Dr. Abimael Guzmán Reynoso, conhecido como Presidente Gonzalo, foi quem encabeçou essa grande tarefa e junto a ela desenvolveu, aplicou e defendeu o Pensamento Gonzalo, Pensamento Guia da Revolução Peruana, que gerou diversos aportes universais para a ideologia do proletariado internacional. O Maoísmo define-se como o avanço necessário na época imperialista, dentro das nações oprimidas, na luta contra o capitalismo burocrático e imperialismo, na luta contra o revisionismo khruschovista e, principalmente, ele define-se como o avanço necessário na época da Ofensiva Estratégica da Revolução Mundial contra os tigres de papel decadentes que já não mais podem se sustentar e deverão ser varridos do mundo um a um pela eclosão de guerras populares em cada país, oprimido ou imperialista.

A URC-AV adota como sua Ideologia e defende como Ideologia Científica do Proletariado Internacional o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo, como sintetizado pelo Partido Comunista do Peru, defendendo os aportes universais do Pensamento Gonzalo e o avanço da Revolução Mundial pelo lançamento de guerras populares em cada país, pela constituição ou reconstituição de partidos

comunistas marxistas-leninistas-maoístas militarizados em cada país que liderem estas guerras populares, pela unificação de todas as forças revolucionárias no Brasil sob a bandeira do Marxismo-Leninismo-Maoísmo.

Viva o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo!

O Marxismo-Leninismo-Maoísmo é a mais alta síntese ideológica existente, a terceira e superior etapa do Marxismo, a nossa garantia de vitória e a bandeira que será hasteada como mando e guia da Revolução Mundial e da Revolução Brasileira como parte inseparável desta. Ele é todo-poderoso, pois é verdadeiro. Sua verdade é aquela que nos legou a luta de classes e as mais avançadas mentes a adentrarem-na, a vanguarda do proletariado, seus chefes e seus guias, principalmente, Marx, Engels, Lênin, Stalin, Mao e o Presidente Gonzalo. Esses guias são assim definidos pois não apenas nos legaram avanços teóricos, mas porque, cada um em suas condições, conduziram lutas revolucionárias, lutas contra o revisionismo e lutas pelo estabelecimento de nossa Ideologia Científica única, de nosso guia para a ação. Marx, Lênin e Mao definiram avanços universais para nossa Ideologia Científica em suas três partes constitutivas, a Filosofia marxista, a Economia Política marxista e o Socialismo Científico. Engels, Stalin e o Presidente Gonzalo sintetizaram estes avanços e definiram aportes de validez universal em suas contribuições teóricas e práticas. Engels, em especial, lançou as bases do Marxismo junto a Marx e suas contribuições para a primeira etapa são grandiosas. Citamos, como exemplo, sua contribuição na formulação das duas obras finais d'*O Capital*. Todos eles foram e são grandes mestres do proletariado internacional. No Brasil, Pedro Pomar, com suas contribuições para a luta revolucionária e para a retificação desta luta, que demonstram enorme clareza de ideias e apreensão gigantesca das teses do Presidente Mao Zedong, é o líder histórico do proletariado. Devemos também render homenagem e aprender com os companheiros que há décadas, continuando a luta de todos aqueles que jamais capitularam fosse frente a Ditadura Militar fosse frente a falsa anistia, reconstituem o Partido Comunista do Brasil, Partido de Pomar e de todos nós que somos das classes exploradas e oprimidas, Partido das massas brasileiras, vanguarda do proletariado.

Dizer: Viva o Marxismo-Leninismo-Maoísmo é compreender que existem três etapas do Marxismo, e para dizermos isto sem deixar dúvidas, devemos compreender

estas três etapas, os desenvolvimentos de nossos guias e dos faróis do Marxismo em cada etapa de seu avanço. Devemos compreender, também, e principalmente, o Maoísmo como terceira etapa, sua síntese científica feita pelo Presidente Gonzalo e pelo Partido Comunista do Peru e estabelecer e aplicar este que é o mais alto e mais completo guia para a luta de classes em sua mais elevada forma. Devemos comprovar que esta arma que empunhamos é todo-poderosa, isto é, que ela nos faz avançar para uma vitória inevitável contra os reacionários e toda a corja de oportunistas no mundo, que em todos os acertos e erros do Movimento Comunista Internacional ela toma a via científica da prática social como a comprovação da verdade.

A primeira etapa do Marxismo é a etapa do surgimento do Socialismo Científico, isto é, da teoria revolucionária do proletariado e de sua prática revolucionária. Até então, os socialistas utópicos falhavam em compreender, explicar e atuar na realidade dentro de uma perspectiva clara e classista. Marx, junto à Engels, desenvolveu as três partes constitutivas do Marxismo, hasteando a primeira bandeira clara de luta do proletariado e a única científica no calor das revoluções democráticas da Europa.

Ele desenvolveu na Filosofia o materialismo histórico e dialético, a compreensão mais profunda das leis fundamentais do desenvolvimento de nossa sociedade. Definiu, por meio desta, que a história da sociedade de classes até então havia sido a história da luta de classes, isto é, que o motor da história era a contradição de classes, a unidade de contrários entre exploradores e explorados, a luta entre os contrários, na era capitalista simplificada pela oposição entre burgueses e proletários. Definiu que, em cada época, as superestruturas (o Estado, as doutrinas filosóficas, religiosas, políticas etc.) refletem mais ou menos fielmente o regime econômico social, isto é, a unidade de contrários entre as classes atuantes economicamente, que a matéria de nossa realidade social é refletida na ideia, em resumo. Assim contrapôs toda a velha filosofia idealista e o materialismo mecanicista.

Na Economia política, Marx descobriu a verdade da exploração do proletariado, desenvolvendo a tese da mais-valia, isto é, a explicação científica da formação de sobrevalor na produção e a lei da reprodução do capital. Formulou, assim, as teses da anarquia do mercado e das contradições internas do sistema capitalista. Marx explicou que a contradição essencial na economia se dá entre as forças produtivas e as relações de produção, isto é, entre a combinação do trabalho humano e meios de produção e as relações de exploração do trabalho em cada sociedade. Sob o capitalismo, esta

contradição é representada pelo caráter social da produção em contraposição à propriedade privada dos meios de produção, pela aplicação cada vez mais ampla da tecnologia para a produção em larga escala e o desemprego, pela ruína dos pequenos produtores e criação de monopólios, pelas crises de superprodução e a destruição de forças produtivas etc. etc. etc. Tal regime econômico tem como reflexo um Estado que não passa de uma banca de negócios entre burgueses.

No Socialismo Científico, a aplicação da doutrina da luta de classes subjacente à história e da compreensão do regime econômico em vigência é feita. Marx definiu a força social capaz de superar as contradições do velho, da sociedade caduca e historicamente superada em nossa época, a burguesa, e criar o novo: o proletariado. Definiu a forma de luta desta força social: a luta política independente que conforma-se com um Partido independente, oposto aos partidos burgueses e capaz de levar a frente as reivindicações das massas trabalhadoras. Definiu o conteúdo desta luta política: a revolução violenta que traria abaixo todo o poder específico burguês, sua ditadura, que explodiria o Estado, criando o Novo Poder e o Estado da ditadura do proletariado, Estado socialista, que deveria definhar até que se atingisse o comunismo, o reino da liberdade. Dentro de nossa sociedade encontramos, portanto, tanto as forças caducas, que querem parar a história, quanto as forças propulsoras do novo: as massas trabalhadoras. A partir destas teses, foram geradas inúmeras organizações proletárias no mundo. Marx e Engels encabeçaram a Liga dos Comunistas e a Associação Internacional dos Trabalhadores. Foram chefes incontestáveis desta última, a primeira organização fielmente proletária internacional do mundo, derrotando o oportunismo internamente pela luta de duas linhas e desenvolvendo a mais avançada análise da primeira tentativa de assalto dos céus pelas massas proletárias na França, a Comuna de Paris.

O Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR) é fundado já na época da transição do capitalismo de livre concorrência para o regime de monopólios, o imperialismo. Assim, desde o início, as novas condições internacionais demandaram um Partido de Novo Tipo. Apesar de ser fundado em 1894, é apenas após o II Congresso, em 1903, com a derrota dos economicistas, oportunistas bernsteinianos russos, que este partido se constitui como marxista. Lênin daria suas primeiras grandes contribuições ao Marxismo iniciando seu longo combate contra a degeneração oportunista que consistia em usar o Marxismo para negar o Marxismo e que encontrava matriz na Segunda Internacional revisionista, defendendo o Centralismo

Democrático contra a linha trotskista e definindo também a forma de constituição do Partido de Novo Tipo em combate contra Martov e Axelrod. De liderança inconteste da constituição do Partido Operário Social-Democrata da Rússia marxista, Lênin se tornaria a chefatura da Revolução Russa e o mais alto guia do proletariado internacional após Marx e Engels, dando cabo da influência pacifista e social-imperialista da Segunda Internacional em todo o mundo e demonstrando na prática e na teoria como se daria a construção de um Partido de Novo Tipo e de um Exército Vermelho para a Revolução na época imperialista e da ditadura do proletariado.

Lênin, além de seu grande espírito prático, de sua condução irreprimível da Revolução Democrática e da Revolução Socialista russas, foi a mente mais dialética de seu tempo. Ele compreendeu que o Marxismo deveria ser estudado, aplicado e avançado em todas as suas partes constitutivas, pois é uma Ideologia viva e um guia para a ação prática em cada país. Na Filosofia, ele contribuiu gigantescamente, tomando as leis dialéticas definidas por Engels e definindo que a essência da dialética era a unidade de contrários. Isto significa que a transformação da quantidade em qualidade, que a interpenetração de opostos e que a forma espiralada de desenvolvimento do conhecimento estão todas subordinadas à lei da contradição.

Na Economia política está a contribuição mais conhecida de Lênin. Ele estudou as transformações decorrentes da passagem do capitalismo de livre concorrência ao capitalismo monopolista, ao imperialismo, para gerar uma análise científica, marxista, da época que se conformou entre os fins do século XIX e início do século XX. A época imperialista traz consigo a passagem da burguesia à reação aberta e total e tem como lei de desenvolvimento a guerra constante contra os povos oprimidos. Lênin definiu os cinco traços fundamentais do imperialismo: i) a concentração da produção e do capital e a formação de monopólios; ii) a fusão do capital bancário e industrial e a formação do capital financeiro e da oligarquia financeira correlata; iii) a exportação de capitais, que se sobressai à exportação de mercadorias; iv) a formação de associações internacionais monopolistas; v) a partilha do mundo entre as nações capitalistas mais desenvolvidas. O imperialismo é o estágio superior e particular do capitalismo, o estágio do capital em decomposição ou parasitário, é o estágio da agonia capitalista. A guerra é a lei essencial do desenvolvimento capitalista pois, assim como a política é a expressão concentrada da economia, a guerra é a forma mais elevada de resolução de conflitos políticos, a forma nua do Poder. Exportação de capitais e política colonial

andam lado a lado, e a política colonial é regulada pela força, pela guerra. O imperialismo, portanto, é a fase da militarização crescente da sociedade também.

Aplicando o Marxismo e o elevando, Lênin definiu avanços no Socialismo Científico, dotando a classe trabalhadora de um Partido de Novo Tipo, capaz de tomar o Poder, de destruir o velho Estado e de instituir a ditadura do proletariado, um partido independente e equipado de um instrumento orgânico de luta revolucionária, o Exército Vermelho. Ele definiu que o Partido deveria ser formado pelos elementos mais temperados pela luta de classes e consolidar-se enquanto vanguarda do proletariado, estando intimamente ligado às massas, que deveria fazer o trabalho político e combater, que deveria ser o órgão central de direção da ditadura do proletariado. Lênin estabeleceu o Centralismo Democrático, a unidade de ação e a liberdade de crítica, como a política central do funcionamento interno do partido. Sua liderança foi essencial para que fossem derrotados os economicistas e mencheviques liderados pelos diversos oportunistas que surgiram ao longo da Revolução Russa. Ele estabeleceu a primeira república socialista em todo o mundo, conduziu a primeira ditadura do proletariado de sucesso, definindo diversos avanços práticos na causa da construção socialista. Derrotando as teses social-imperialistas, pacifistas e oportunistas da Segunda Internacional, estabeleceu uma Internacional Comunista leninista de fato e, desta, estabeleceu a indispensabilidade da aliança operário-camponesa na direção da Revolução nas nações coloniais e semicoloniais.

Mao Zedong, que esteve presente na fundação e retificação do Partido Comunista da China e surgiu como liderança máxima e chefatura da Revolução Chinesa após a reunião do Comitê Central do PCCh de Tiensi, em 1936, em meio à gloriosa Longa Marcha, e posteriormente da luta antirevisionista internacional e do Proletariado Internacional, avançou o Marxismo-Leninismo grandiosamente, desenvolvendo-o teórica e praticamente no decurso da Guerra Popular. Seu domínio da dialética, da luta revolucionária e da construção socialista destacaram-se por todo o mundo e principalmente na época do Grande Debate sua sublime condução da luta de duas linhas e da luta contra o khruschovismo fizeram-no um dos guias máximos de nossa Ideologia. Mao foi artificie da vitória contra o imperialismo japonês e contra o Kuomintang reacionário dominado pela camarilha de Chiang Kai-shek. Ele estabeleceu a Nova Democracia na China e definiu o caminho para o Socialismo. Na Grande Revolução Cultural Proletária, quando todas as forças revolucionárias mundiais o reconheceram fielmente como a maior liderança comunista em existência,

ele definiu o caminho da luta entre Socialismo e Restauração Capitalista em todos os níveis da vida social: econômico, político e cultural, completando o argumento iniciado anteriormente, no Grande Debate, no qual estabeleceu que o Movimento Comunista Internacional deveria fazer completa cisão com o social-imperialismo soviético, com a falida tese das forças produtivas e do partido e Estado de todo o povo e defender a violência revolucionária pelo estabelecimento do Socialismo e sua defesa e a ditadura do proletariado até o comunismo. Esta invacilante trajetória só se tornou possível pois o Presidente Mao tanto compreendeu profundamente quanto aplicou criadoramente o Marxismo-Leninismo. Ela conforma tanto o Pensamento Guia da Revolução Chinesa, o Pensamento Mao Zedong, quanto os aportes universais que seriam posteriormente sintetizados e elevados ao patamar de nova etapa da Ideologia pelo Partido Comunista do Peru e em especial pelo Presidente Gonzalo, elevados à Maoísmo.

Na Filosofia, a contribuição mais importante do Presidente Mao foi o aprofundamento da tese leninista sobre a lei da contradição. Tendo feito crítica fraterna do manejo da dialética do camarada Stalin na luta de duas linhas dentro do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e no desenvolvimento econômico da União Soviética, Mao retomou a hierarquia leninista e a compreensão leninista da dialética, definindo que a contradição é a única lei absoluta do mundo e a lei fundamental da dialética, da qual se derivam todas as outras. Além disso ele definiu que existe a universalidade da contradição, sua presença inerente em todos os fenômenos e do início ao fim no processo de desenvolvimento dos fenômenos, e sua particularidade, a relação que existe entre o geral, entre a universalidade da contradição, e o particular, sua forma de manifestação, seu condicionamento e temporalidade, sua relatividade. Mao expandiu ainda mais o seu estudo e compreendeu a questão da contradição principal e do aspecto principal da contradição. Esta é uma questão de suma importância. Fenômenos complexos desenvolvem-se por meio de uma série de contradições, mas uma é sempre a principal e todas as demais são secundárias, uma é determinante e todas as outras são determinadas. Da mesma forma, existe um aspecto dominante e outro dominado, existe desigualdade no desenvolvimento dos aspectos da unidade de contrários. Nada disso é estático e, sendo a luta absoluta, uma contradição secundária passa a ser a principal dentro de determinadas condições e seu aspecto secundário pode passar a ser o principal. Todo equilíbrio é relativo e temporário. Assim, fica estabelecido que a

identidade dos contrários é transitória e que a luta é a essência do movimento. Por fim, Mao estabeleceu que existe o antagonismo na contradição e o não-antagonismo. Sendo a luta absoluta, a contradição o fundamental do desenvolvimento dos fenômenos, isto é, dando-se a manifestação da universalidade da contradição em sua particularidade e contendo todo fenômeno contradições principais e secundárias com aspectos dominantes e dominados, é natural que existam diferentes formas de resolução de contradições. Essas formas podem ser definidas em três níveis: i) o mais elevado: a luta de classes; ii) sua manifestação concentrada no seio dos partidos comunistas, de seus órgãos e das organizações revolucionárias: a luta de duas linhas; e iii) sua manifestação mais ou menos dispersa: a justa resolução das contradições no seio do povo. A luta no primeiro nível é necessariamente antagônica, contra os inimigos do povo. No segundo nível e no terceiro, porém, não se deve descurar da resolução das contradições, pois elas podem passar em determinadas condições ao primeiro nível. Assim, a constante crítica e autocritica para a transformação, a constante retificação, a depuração dos elementos contrarrevolucionários etc. a nível de organização são necessidades do desenvolvimento da Revolução. Da mesma forma é necessária a educação político-ideológica das massas, a integração das massas à luta socialista aos milhares e milhões, o armamento das massas para a defesa do Socialismo etc. A lei da contradição, disse Mao Zedong, é a lei fundamental da Natureza, da Sociedade e do Conhecimento. Na teoria do conhecimento, também, Mao estabeleceu que todo conhecimento nasce da prática e passa à teoria para voltar à prática, com o seu componente principal sendo a prática. Ele levou o conhecimento às massas, explicando de forma clara e didática a Ideologia marxista. Tais contribuições filosóficas não têm par no mundo e a mente dialética de Mao Zedong se sobressai sobre todas as demais até os dias atuais.

Na Economia política Mao, aplicando a lei da contradição, aprofundou a tese do imperialismo e também definiu a mais avançada tese da construção econômica sob o socialismo. Lênin já falara tanto da manutenção de colônias e semicolônias pelo imperialismo quanto da criação de uma burguesia compradora nas semicolônias. As teses leninistas da Terceira Internacional apreenderam a realidade da aplicação do capital monopolista nas obras para o desenvolvimento das condições necessárias à penetração dos monopólios nas nações oprimidas. Mao sintetiza e aprofunda a isto ao desenvolver a tese do capitalismo burocrático, o tipo particular de capitalismo nas nações oprimidas. Os oportunistas cansam-se em tentar conformar a tese

dependentista de cunho trotskista com o Leninismo, mas esta tese, como já comprovaram os companheiros do Núcleo de Estudos do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, nada tem de leninista. A tese do capitalismo burocrático, por outro lado, afirma que além de uma burguesia compradora, que atua como extensão do capital monopolista e age em função de sua reprodução, existe uma burguesia burocrática, que aufere seu poder da ligação umbilical com o capital monopolista e com o Estado nas colônias e semicolônias. Ambas estão intimamente ligadas com as classes mais pútridas das colônias e semicolônias também, com os senhores de terra, latifundiários de velho e novo tipo, e atuam sob as asas de um Estado que reflete a caducidade e extemporaneidade do tipo de capitalismo que lhes garante a sobrevida, um Estado latifundiário-burguês, um velho Estado, instituído não pela revolução burguesa e pela realização das tarefas democrático-burguesas, mas pela capitulação das classes dominantes leais ao imperialismo e sua política colonial. Diferente da burguesia nacional, pequenos e médios industriais e comerciantes, a burguesia burocrático-compradora, aliada ao latifúndio, não pode cumprir qualquer função democrática em nossa época, portanto, é necessariamente inimiga. Na questão do desenvolvimento socialista, Mao estabeleceu a crítica total e demolidora da tese das forças produtivas, tese que afirmava que o essencial e a única coisa importante sob o socialismo era o desenvolvimento das forças produtivas. Esta era a tese khruschovista que propunha a restauração capitalista na União Soviética, tendo sido o central desta restauração a retomada da propriedade privada das máquinas agrícolas e depois das terras dos kolkozes. Seu resultado fora desastroso para os trabalhadores soviéticos e para todos os povos do mundo, que passaram a ser cada vez mais afetados pelos resultados do avanço revisionista em suas organizações e pela exploração do social-imperialismo soviético. Mao compreendeu que, sob o socialismo, o trabalho político-ideológico dirige a economia e que é aplicando a lei da contradição, da resolução das contradições no seio do povo, da luta de duas linhas e da luta de classes contra os contrarrevolucionários, que é instituindo uma economia pautada na crítica e autocrítica e na retificação e transformação constantes de acordo com o desenvolvimento dos fenômenos econômicos, atentando sempre às reais necessidades das massas em cada nação e instituindo um trabalho contínuo junto às massas para que sejam recolhidas, sintetizadas e elevadas suas justas ideias no campo da produção, que é aplicando o trabalho de direção comunista concreto, enfim, que construímos e defendemos a economia socialista contra a Restauração Capitalista e aprofundamos

seu caráter socialista. Isto foi um desenvolvimento da tese leninista de que a política é expressão concentrada da economia.

Mao deu ainda saltos qualitativos gigantescos no Socialismo Científico. Ele definiu a forma orgânica de luta revolucionária do proletariado sob o imperialismo e todas as formas orgânicas de construção do Novo Poder, avançou a concepção de Revolução Democrática de Novo Tipo, bem como definiu, pela primeira vez, a forma necessária da luta pela defesa do Socialismo. Mao estabeleceu que a violência revolucionária era um aporte de valor universal, contrapondo as teses pacifistas do revisionismo moderno, khruschovista e eurocomunista. Estabeleceu que a Guerra Popular Prolongada, a guerra de massas, que estrategicamente considera o imperialismo e todos os reacionários tigres de papel e as massas como verdadeiramente poderosas, enquanto taticamente está embasada na aniquilação das forças inimigas e fortalecimento das massas, é a forma mais elevada e a forma proletária de resolução dos conflitos políticos entre as classes exploradas e as classes exploradoras. Estabeleceu que o Poder nasce da ponta do cano do fuzil e que o Partido deve controlar o fuzil e o fuzil jamais deve controlar o Partido. Assim, definiu que junto ao Partido de massas do proletariado deve necessariamente surgir um Exército e que o Partido em si deve ser militarizado. Estabeleceu, aprofundando a tese leninista da Frente Única Antifascista, a Frente Única das classes progressistas como o órgão de construção do Novo Poder, dirigida pela aliança operário-camponesa. Mao considerou que Partido, Exército e Frente Única eram as três varinhas mágicas, os três instrumentos da Revolução, com o Partido comandando a tudo, enquanto destacamento de vanguarda militarizado e condutor do trabalho de massas, do trabalho políticoideológico, de combate e de produção e construção econômica e cultural. Mao compreendeu a tese leninista que ditava que a burguesia, na época imperialista, não era mais capaz de conduzir uma Revolução Democrática nas nações oprimidas, estabelecendo que nas colônias e semicolônias apenas a aliança operário-camponesa, sob direção do Partido do proletariado, em aliança com todas as classes progressistas, anti-imperialistas, poderia levar a cabo as tarefas democráticas do povo, conformando-se este projeto em uma Revolução Democrática de Novo Tipo, uma Revolução de Nova Democracia, que deveria ser conduzida de forma ininterrupta até o Socialismo, estabelecendo a ditadura conjunta das classes progressistas dirigida pela aliança operário-camponesa, esta encabeçada pelo Partido Comunista, e depois a ditadura do proletariado, tudo isso como parte integral da Revolução Mundial. Como

forma de continuar o combate contra as contradições de classe existentes no Socialismo, ele estabeleceu que deveriam ser feitas sucessivas revoluções culturais, processos amplos de retificação em todos os níveis da vida social, apoiados pelas massas, com o armamento político-ideológico das massas e com a criação do mar das massas armadas. Assim, conduziu a primeira Grande Revolução Cultural Proletária da história, de 1966 até sua morte, em 1976. A traição da Revolução Cultural foi o primeiro grande marco da Restauração Capitalista na China e a prova da justeza da tese.

Todas essas etapas de desenvolvimento da Ideologia Científica do Proletariado Internacional são assim definidas pois avançaram o Marxismo em sua compreensão da Natureza, Sociedade e Conhecimento, comprovando-se seus saltos qualitativos na prática social mais elevada, a luta de classes, e adquirindo universalidade e aplicabilidade em todos os países, em todo o mundo, na luta revolucionária de massas. Já falamos um pouco das condições sob as quais foram sintetizadas as três etapas. Agora, adentremos mais profundamente na sintetização do Maoísmo e nos aportes de validez universal do Pensamento Gonzalo desenvolvidos na prática social da Revolução Peruana que permitiu esta síntese.

A única e mais alta síntese de nossa Ideologia, o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, foi desenvolvida em 1982, dois anos após o início da guerra popular no Peru, no documento *Sobre o MarxismoLeninismo-Maoísmo*, do Partido Comunista do Peru, liderado por Abimael Guzmán Reynoso, conhecido como Presidente Gonzalo. Foi desenvolvida no calor da luta de classes, luta revolucionária, parte integrante da Revolução Mundial. Estabeleceu-se nesta síntese a necessidade de reconhecer-se os aportes de validez universal desenvolvidos por Mao Zedong e, mais profundamente, de considerar o salto qualitativo frente ao Leninismo que foi dado na condução revolucionária de Mao Zedong da Revolução Chinesa e Grande Revolução Cultural Proletária. A questão do -ismo, assim, aparece não como uma questão linguística, como alguns revisionistas costumam colocar, mas como a questão mais alta de reconhecimento da vigência universal do Marxismo-Leninismo-Maoísmo como terceira e superior etapa do Marxismo. Dos três grandes marcos do Movimento Comunista Internacional no século XX, a Revolução Russa, a vitória da Revolução Chinesa, com a consequente passagem ao Equilíbrio Estratégico da Revolução Mundial, e a Grande Revolução Cultural Proletária, como forma de manter o rumo do Comunismo e combater o revisionismo moderno, o Presidente Mao Zedong

capitaneou dois. Também nas quatro etapas da Revolução Chinesa, Mao foi líder inconteste e invacilante na luta contra os reacionários e oportunistas. Com seus saltos qualitativos nas três partes constitutivas do Marxismo, como anteriormente definidos e como estabelecidos no documento do Partido Comunista do Peru, ele surge como a maior liderança do proletariado internacional após a morte do camarada Stalin e como o maior guia do proletariado após a morte de Lênin, superando as grandes dificuldades da revolução no Oriente, como definidas por Lênin.

Para além do que já foi dito, no documento fica definido sobre a tese da Nova Democracia que: i) a tese da Nova Democracia é um avanço da teoria marxista do Estado, que estabelece os três tipos de ditadura, a ditadura burguesa, a ditadura conjunta das classes progressistas e a ditadura do proletariado, estabelecendo-se a construção do Novo Poder por meio dos comitês populares como feito no Peru e a diferenciação entre o sistema de Estado e de governo, o último a organização política de exercício do Poder; ii) a Revolução de Nova Democracia é uma revolução de nova economia, nova política e nova cultura, destruindo o velho e construindo o novo pelo fuzil; iii) a Revolução de Nova Democracia cumpre também tarefas socialistas, caminhando, assim, certeira e ininterruptamente até a ditadura do proletariado.

Define-se também, sobre o instrumento dirigente entre os três instrumentos da Revolução, o Partido, que: i) o justo trabalho de direção do Partido é expresso na interligação entre Partido, Exército e Frente Única, seja na guerra ou na manutenção do Novo Estado, que a construção dos três instrumentos é guiada pelo trabalho ideológico-político e que sua construção organizativa se embasa no estabelecimento da Ideologia e da Linha Política, em meio à luta de duas linhas e à luta de classes, principalmente da guerra; ii) o Partido de Novo Tipo é o partido marxista-leninista-maoísta, tendo como objetivo a conquista do Poder e sua defesa, como tarefa o estabelecimento, desenvolvimento e elevação da Guerra Popular, sendo sustentado pelas massas envolvidas na Guerra Popular e Frente Única, desenvolvendo-se com o desenvolvimento da luta revolucionária, principalmente pela luta de duas linhas, forma de resolução das contradições de classe a nível ideológico concentradas no seio do partido e determinantes no Comitê Central, o centro da tempestade, na luta contra o revisionismo, tornando-se necessárias as constantes campanhas de retificação e a luta ideológica ativa no seio do Partido, para que prevaleça a Ideologia proletária; iii) o Partido deve dirigir tudo, estabelecer o Poder do proletariado na Nova Democracia,

instaurar a ditadura do proletariado e desenvolver sucessivas revoluções culturais até o Comunismo.

Sobre o Exército revolucionário estabelece-se que: i) ele é um Exército Popular, cujas três funções são combater, produzir e mobilizar as massas, construído politicamente pelo estabelecimento do Marxismo-Leninismo-Maoísmo como Ideologia Científica do Proletariado Internacional e da Linha Política Geral e Linha Militar como definidas pelo Partido; ii) é um Exército centrado nos homens e não nas armas, que confia nas massas e está intimamente ligado à elas, dirigido pelo Partido; iii) que o armamento das massas e a criação do mar das massas armadas é uma tarefa socialista e a garantia de que o Exército não seja corrompido e voltado contra as massas em um golpe pela Restauração Capitalista.

Sobre a Frente Única, afirma-se que: i) Mao estabeleceu pela primeira vez a teoria completa da Frente Única e suas leis; ii) a Frente tem base na aliança operário-camponesa e esta garante a hegemonia do proletariado na Revolução, é uma Frente das classes progressistas dirigidas pelo proletariado organizado em Partido, criada para a Revolução, para a Guerra Popular e para a conquista do Poder, é o agrupamento das forças revolucionárias contra as forças contrarrevolucionárias, armada; iii) que as leis gerais da Frente devem ser adaptas em cada situação concreta e que ela se modifica em cada etapa revolucionária; iv) que ela é construtora do Novo Poder e do novo Estado. Estas são as teses sobre os três instrumentos.

Sobre a Guerra Popular, estabelece-se que: i) ela é a teoria militar única do Proletariado Internacional, de validez universal, estabelecida de acordo com a experiência de luta, ações militares e guerras proletárias e das guerras camponesas chinesas; ii) ela é uma teoria de guerra fluida, de guerrilhas, de movimento, de posições, que desenvolve planos de ofensiva estratégica e captura de cidades pequenas, médias e grandes, combinando os ataques externos e a insurreição interna; iii) ela é forma de combate necessária para o tempo da guerra atômica e prova que a bomba atômica e as potências militares imperialistas são tigres de papel; iv) a própria Revolução Russa tratou-se de luta prolongada e nas nações imperialistas a Guerra Popular deve ser feita considerando as condições de luta revolucionária e de aplicação do princípio universal da violência revolucionária dentro destas nações; v) a guerra popular é invencível.

Sobre a Grande Revolução Cultural Proletária, estabelece que: i) a Revolução Cultural é a resolução do problema da continuidade da Revolução sob o Socialismo; ii)

ela serve o propósito de consolidação e defesa do Socialismo da Restauração Capitalista, bem como de sua construção; iii) ela é a consolidação do proletariado no Poder, como comprova o estabelecimento dos Comitês Revolucionários na China; iv) a restauração do capitalismo na China, não nega, mas antes confirma a necessidade de sucessivas revoluções culturais até o comunismo.

Sobre a Revolução Mundial, estabelece-se que: i) ela é a unidade das revoluções no mundo, a tendência principal frente a crescente decomposição do imperialismo e imparável revolta das massas; ii) a luta contra imperialismo, principalmente ianque, e social-imperialismo e a condenação da e preparo para a guerra atômica, como preparação para opor a ela a Guerra Popular, são indispensáveis; iii) são demarcados três mundos, do imperialismo ianque e social-imperialismo de superpotência, à época soviético, das demais nações imperialistas e das nações oprimidas, coloniais e semicoloniais.

Por fim, estabelece-se que devemos compreender cada vez mais profundamente a Ideologia, cultura e educação sob a luz do Marxismo-Leninismo-Maoísmo.

Define-se que o Marxismo em nossa época é o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo. O fundamental do Maoísmo é o Poder: Poder sob a direção do proletariado na Revolução de Nova Democracia; Poder do proletariado na ditadura do proletariado e nas revoluções culturais; Poder armado dirigido pelo Partido Comunista, conquistado pela Guerra Popular e pela Guerra Popular defendido. O Maoísmo, assim, terceira e superior etapa do Marxismo, é a Ideologia que garante a direção proletária na Revolução Democrática, a construção socialista e sua defesa. É a Ideologia necessária para a época da decomposição última do imperialismo e da Revolução Mundial, bem como o espelho revelador do revisionismo. O Pensamento Mao Zedong estabelece-se como Pensamento Guia da Revolução Chinesa entre 1935 e 1969. Na década de 50, a liderança do Presidente Mao Zedong destaca-se internacionalmente e com o estabelecimento da Revolução Cultural ele torna-se o guia da Revolução Mundial e do Proletariado Internacional, passando a serem reconhecidos seus aportes de validez universal como saltos qualitativos do Marxismo-Leninismo, estabelecendo-se os primeiros partidos guiados pelo Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Zedong. Na luta contra o revisionismo internamente e a nível mundial, o Presidente Mao firmou-se como o maior marxista a existir. O Maoísmo surge em luta contra o revisionismo soviético, de raiz khruschovista, denguista e hoxhaísta, mas também em disputa contra as linhas que só aceitam a etapa

do Marxismo-Leninismo e o Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Zedong. É necessário hastear bem alto sua bandeira como mando e guia da Revolução Mundial para destruir completamente o revisionsimo!

Devemos ainda falar dos aportes de validez universal do Pensamento Gonzalo, Pensamento Guia da Revolução Peruana, que sustentou a chefatura do Presidente Gonzalo, chefatura do Partido Comunista do Peru e da Revolução.

A primeira grande e incontornável contribuição do Presidente Gonzalo é definir de forma clara qual a questão fundamental do Maoísmo, o Poder. Desta se derivam todas as demais, a saber: i) a tese da chefatura; ii) a tese do Pensamento Guia; iii) a tese da Ofensiva Estratégica da Revolução Mundial; iv) a tese da universalidade da Guerra Popular; v) a tese do Partido Comunista marxista-leninista-maoísta e da construção concêntrica dos três instrumentos da Revolução; vi) os complementos à tese do capitalismo burocrático.

Em uma revolução, são gerados um punhado de chefes, uma maior quantidade de dirigentes, uma quantidade ainda maior de quadros e uma massa de militantes. Assim foi em toda revolução até hoje. Em meio aos chefes, um sempre se destaca por seu domínio ideológico, prático e por seu espírito de abnegação, por sua direção da Revolução e do Partido. Vimos isto na Rússia, com Lênin, na China, com Mao, no Peru, com Gonzalo. A revolução amadurecida sempre gera seus líderes máximos. E este líder máximo, destacando-se como chefe do proletariado, destaca-se também como chefatura.

Contudo, seria de tudo impossível que uma chefatura se estabelecesse em cima de si própria, sem base. A base do estabelecimento da chefatura é o Pensamento Guia. O Pensamento Guia nasce como a aplicação criadora do Marxismo à realidade concreta de cada país, como a ligação entre o geral e o particular. Marx o fez, desenvolvendo o Marxismo primeiramente como Pensamento da Revolução Alemã de 1848. Aplicou suas ideias a esta realidade. Lênin, novamente, aplicou o Marxismo à realidade russa. Mao continuou o trabalho e aplicou o Marxismo-Leninismo à realidade chinesa. Por fim, Gonzalo aplicou o Marxismo-Leninismo-Maoísmo à realidade peruana. Os dois primeiros saltos são reconhecidos, mesmo que seus aportes de validez universal tenham sido desenvolvidos em situações particulares. Por que não o último salto e os aportes de validez universal do Pensamento Gonzalo? O Pensamento Guia da Revolução Peruana se forjou em luta contra o revisionismo e pela retomada e desenvolvimento do caminho de Mariátegui, se forjou na promoção,

aplicação e defesa do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo, se forjou pelo objetivo de iniciar, manter e desenvolver a Guerra Popular à serviço da Revolução Mundial e da Ideologia Científica do Proletariado. Cada revolução gera sua chefatura e cada chefatura estabelece-se sobre um Pensamento Guia desta revolução.

Sobre a Ofensiva Estratégica, temos que compreender que, como nas guerras populares, existe na Revolução Mundial três fases: i) Defensiva Estratégica, quando as forças do inimigo são grandes e as nossas débeis; ii) Equilíbrio Estratégico, quando as forças do inimigo e as nossas estão em par; iii) Ofensiva Estratégica, quando as forças do inimigo são superadas pelas nossas e podemos impor sua derrota. A primeira etapa da Revolução Mundial corresponde à etapa do desenvolvimento do Marxismo, a etapa onde nossas forças eram muito débeis e o inimigo era muito forte (seus marcos são a formulação do *Manifesto do Partido Comunista* no calor das revoluções burguesas e da ascensão do proletariado e a Comuna de Paris). Na época da Revolução Russa e da Revolução Chinesa, atingiu-se o Equilíbrio Estratégico, com as sociedades socialistas se fortalecendo e desafios da revolução sendo superados. Por fim, com a Nova Onda da Revolução Mundial, o lançamento das guerras populares por todo o mundo, com a decomposição última do imperialismo, entramos na fase da Ofensiva Estratégica. Isto pode parecer estranho, quando não se tem qualquer nação socialista no mundo, mas tal não é a única nem a principal medida de nossas forças. A principal medida é a luta das massas contra o velho Estado e contra o imperialismo, e isto já vem sendo feito por toda a parte. Na Índia, no Peru, nas Filipinas e na Turquia avança a guerra popular. No Brasil e Equador avança a Revolução Agrária. Nas nações imperialistas, mesmo, bem como em diversas nações oprimidas, são constituídos ou reconstituídos partidos marxistas-leninistas-maoístas com o objetivo de fazer a Guerra Popular. A agitação das massas é inegável, dirigindo-se contra as classes apodrecidas e o velho Estado, em torno da Revolução.

A universalidade da Guerra Popular é inconteste para um maoísta. O Presidente Mao Zedong estabeleceu essa grande estratégia militar, a verdadeira teoria militar do proletariado, e o Presidente Gonzalo comprovou na prática sua universalidade. A Guerra Popular é uma guerra de massas. É uma guerra, pois a violência revolucionária é universal e não se conquista o Poder sem a guerra, é popular, pois não se conquista o Poder sem as massas, e é também prolongada, pois é a edificação do Novo Poder em cada pedaço de chão, é a substituição da velha sociedade pela nova, resolvendo-se o problema da debilidade das forças inicialmente por uma longa luta contra esta velha

sociedade e os reacionários que a defenderão, exaurindo a força deles, consolidando a força revolucionária. A Guerra Popular nas nações oprimidas lida com uma verdade bem clara: o inimigo é forte na cidade e mais débil no campo, tendo de ser iniciada a Guerra Popular do interior, com ligação estreita com as massas camponesas e da cidade. O apoio camponês, a princípio, é maior, principalmente do campesinato pobre, enquanto na cidade o apoio à guerra aumenta conforme ela avança e conforme se consolida o trabalho político nas cidades. Além da necessidade da ligação estreita com as massas, devemos compreender que apenas o Partido Comunista maoísta pode dirigir a Guerra Popular e ele a dirige conformando para isto um Exército e também a Frente Única. A Guerra Popular foi aplicada na China, no Vietnã, no Camboja e agora é aplicada na Índia, Peru, Turquia e Filipinas, obtendo grandes sucessos em toda parte. Ela é universal, mas tem suas particularidades em cada local, deve ser aplicada criadoramente e de acordo com as condições de cada país. A universalidade da Guerra Popular é também a universalidade de seu processo até o luminoso Comunismo. Assim, é necessário criar o mar armado das massas para destruir o revisionismo e a Restauração Capitalista, para que sejam levadas a cabo sucessivas revoluções culturais. A Guerra Popular é central, pois é a Guerra Popular que resolve a questão mais alta do Marxismo: a questão do Poder.

O Presidente Gonzalo estabeleceu também a necessidade da constituição ou reconstituição de partidos comunistas militarizados iluminados pela luz do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo. O Partido Comunista é a vanguarda do proletariado, não de todo o povo, mas do proletariado, que deve dirigir a Revolução de Nova Democracia e a Revolução Socialista em cada país. A tese da vanguarda data de Marx e Engels, enquanto o Centralismo Democrático é um salto qualitativo do Leninismo. Esta é a tese da unidade de ação, mas também da liberdade de crítica, da crítica das direções às bases, da discussão ampla, aberta e democrática, da submissão da minoria à maioria, dos organismos inferiores aos superiores, de todos ao Comitê Central, mas sendo respeitada a discussão. O Partido Comunista de Novo Tipo, assim, é centralizado, seus militantes são militantes profissionais, especializados em seus trabalhos. Como é um partido de luta pelo Poder, deve ser clandestino, deve combinar trabalho clandestino e legal, mas o primeiro termo deve subordinar o último. Deve ser um Partido coeso, unido e disciplinado pela luta de classes, que a reação não poderá quebrar. Mao estabeleceu que o Partido é uma contradição, isto é, que o trabalho ideológico dentro do partido, a retificação, a luta de duas linhas, a reeducação cultural,

o combate ao burocratismo e revisionismo, são armas para resolver as contradições dentro do Partido, contradições entre a Linha Vermelha e a Linha Burguesa. O Presidente Gonzalo estabeleceu a necessidade de um Partido Comunista marxista-leninista-maoísta, principalmente maoísta, estabelecendo a Linha Ideológica e Linha Política Geral deste partido. Este partido corresponde à Ofensiva Estratégica da Revolução Mundial, combatendo a militarização reacionária com a militarização proletária (criando-se um partido independente e oposto, de fato, aos partidos burgueses). Ele corresponde à necessidade da militarização de toda a sociedade, também, que é a necessidade da formação do mar armado das massas para combater a Restauração Capitalista e dar cabo do exército regular. O Partido maoísta corresponde à necessidade do Partido clandestino para a conquista do Poder, estabelecendo a linha clara de conquista pela violência revolucionária. Estas são algumas de suas determinações. Devemos adentrar ainda mais profundamente, porém, na questão da Linha Política Geral deste Partido, tendo claro desde já que a sua Linha Ideológica é o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo, reconhecendo-se os aportes de validez universal do Pensamento Gonzalo, que deverão ser integrados ao Pensamento Guia desenvolvido na luta de classes e na luta de duas linhas contra o revisionismo na Revolução Brasileira.

A Linha Política Geral do Partido Comunista Militarizado é embasada em cinco pilares. O primeiro pilar é a Linha Internacional, a linha da Guerra Popular em cada país como parte da Revolução Mundial, do verdadeiro internacionalismo proletário. Na época da ofensiva estratégica, temos quatro contradições fundamentais: i) a contradição entre Revolução e Contrarrevolução; ii) a contradição entre Burguesia e Proletariado; iii) as contradições inter-imperialistas; iv) a contradição entre nações imperialistas e oprimidas. Em cada país e momento histórico, uma dessas se faz principal. Conformam-se três tipos de Revolução: i) a Revolução de Nova Democracia; ii) a Revolução Socialista; iii) a Revolução Cultural. Em todas elas, a violência revolucionária, a Guerra Popular, é a forma mais alta de resolução das contradições. Conformam-se duas forças principais do Movimento Revolucionário Mundial: i) o Movimento Comunista Internacional, iluminado pelo Marxismo-Leninismo-Maoísmo; ii) o Movimento de Libertação Nacional, movimento nascido da luta anti-imperialista das nações oprimidas, que deve se fundir ao primeiro no decurso da Revolução Mundial. É necessário, portanto, lutar pelo estabelecimento do Marxismo-Leninismo-Maoísmo como mando e guia da Revolução Mundial.

O segundo pilar é a Revolução Democrática. Esta é a linha da Revolução Socialista nas nações de capitalismo de tipo burocrático, subordinado ao imperialismo. São conformados três alvos: i) o imperialismo; ii) o capitalismo burocrático; iii) a semifeudalidade. A Revolução Democrática, Revolução de Nova Democracia, deve destruir os três, que são intimamente ligados. Deve-se: i) destruir o domínio imperialista e estabelecer a soberania nacional e o Poder Popular; ii) confiscar todo capital monopolista estatal e não-estatal para destruir o capitalismo burocrático; iii) destruir o latifúndio sob o lema "terra para quem nela vive e trabalha", distribuindo a terra aos camponeses com pouca ou nenhuma terra, destruindo a semifeudalidade; iv) apoiar os capitais pequenos e médios, impondo claros limites ao seu desenvolvimento. Nada disso é possível sem a Guerra Popular e construção do Novo Poder e do Novo Estado, a ditadura de todas as classes revolucionárias dirigidas pela aliança operário-camponesa encabeçada pelo Partido Comunista maoísta. As classes revolucionárias são o proletariado, dirigente da Revolução, o campesinato, força principal da Revolução e componente da aliança operário-camponesa, a pequena-burguesia, que firma posição anti-imperialista, mesmo podendo apresentar grande vacilação e sendo uma classe destinada a sucumbir enquanto classe, e a média burguesia nacional frágil, que vacila e deve ser ou incorporada ou neutralizada. As contradições fundamentais da Revolução Democrática são: i) a contradição entre a nação e o imperialismo; ii) a contradição entre o povo e o capitalismo burocrático; iii) a contradição entre massas e feudalidade. Qualquer uma dessas pode tornar-se a principal em diferentes períodos. Estabelece-se que a Revolução Democrática é indispensável nas colônias e semicolônias, que ela está intimamente ligada com a Revolução Socialista e desenvolve tarefas socialistas e que sua forma de aplicação é pela construção de Comitês Populares e Bases de Apoio construtoras do Novo Poder e da Guerra Popular.

O terceiro pilar é o centro da Linha Política Geral durante a Guerra Popular, dentro da qual se desenvolve. A Linha Militar conforma-se em leis regentes da Revolução pela conquista do Poder e pela sua defesa. Ela atende à necessidade da contraposição da militarização reacionária e da superação das teses pacifistas. Apenas o Partido maoísta pode aplica-la no mundo atual; apenas conformando um Pensamento Guia revolucionário pela aplicação criadora do Maoísmo se pode levar a cabo a conquista do Poder; apenas compreendendo a especificidade da revolução nas nações oprimidas podemos desenvolver um verdadeiro Pensamento Guia e aplicar

criadoramente o Maoísmo; apenas instituindo pela via da conservação de nossas forças e destruição das forças reacionárias o Novo Poder conquistaremos a vitória e devemos estar atentos a onde o inimigo é mais débil, no campo, para assim proceder.

Sobre o quarto pilar, a construção concêntrica dos instrumentos da Revolução, temos que ter claro que o Partido Comunista maoísta deve dirigir a tudo, é o centro dos instrumentos: o Partido, o Exército Popular e a Frente Única. Assim, o Partido comanda o fuzil e a construção do Novo Estado e do Novo Poder. O Exército Popular é a principal forma de organização na Guerra Popular, a força armada de camponeses, proletários, mulheres, jovens etc. para a construção do Novo Poder, para que seja derrubado o velho Estado. A Frente Única organiza as forças democráticas para a construção do Novo Estado. Ela sustenta a luta armada e representa a aliança de todas as classes progressistas. O Exército Popular deve combater, mobilizar as massas e produzir, submetendo-se em tudo ao Partido. Todos os três instrumentos existem para conquistar o Poder e depois de sua conquista para garanti-lo e defendê-lo.

O quinto e último pilar é a Linha de Massas. A Linha de Massas dita que todas as reivindicações do proletariado devem servir de sustentação à Guerra Popular. Deve-se educar as massas, por meio do Trabalho de Massas, sobre a violência revolucionária e sobre a luta contra o oportunismo, para que seja reconhecida a necessidade do Partido Comunista maoísta na direção das reivindicações e da luta pelo estabelecimento do Novo Poder. Deve-se focar em 7 setores de massas: operários, camponeses, mulheres, intelectuais revolucionários, massa empobrecidas da cidade, jovens e crianças. A Linha de Massas estabelece-se sobre o princípio de que as massas fazem a história e são verdadeiramente poderosas, de que o partido, vanguarda do proletariado, deve dirigir as massas no caminho da Guerra Popular. Para ser contornado o problema da ilegalidade do partido, devem ser conformados organismos gerados de massas, com atuação entre operários, camponeses, estudantes, na luta pela moradia, nas organizações de mulheres etc. Estes organismos todos andam sob a luz do Marxismo-Leninismo-Maoísmo e do Pensamento Guia da Revolução, atendem ao Centralismo Democrático e agem para desenvolver a mais elevada forma de luta política. As escolas populares devem ser estabelecidas sobre os três princípios: aprender, produzir e lutar. A Coordenação Metropolitana deve dirigir o trabalho nas cidades com razão, vantagem e limite. As três bases de sustentação da Linha de Massas são: i) os organismos gerados; ii) as escolas populares; iii) a Coordenação

Metropolitana. Assim, temos a Linha Política Geral do Partido Comunista marxista-leninista-maoísta explicada.

Resta-nos ainda falar das contribuições para a tese do capitalismo burocrático. A primeira contribuição é o estabelecimento desta tese como universal pela aplicação criadora da mesma na realidade peruana. A tese do capitalismo burocrático, estabelece Gonzalo, é universal pois o capitalismo burocrático é a realidade geral de todas as nações coloniais e semicoloniais, é a forma que o capitalismo adquire nessas nações por seu desenvolvimento comum subordinado ao imperialismo e na época imperialista, sem que houvessem revoluções burguesas e tendo-se conformado em cada uma dessas nações uma burguesia compradora-burocrática em aliança com uma classe de senhores de terra, todos ligados umbilicalmente ao capital financeiro monopolista e submissos a ele. O capitalismo burocrático, assim, embasa-se na formação das classes dominantes serventes e no desenvolvimento de relações semifeudais no campo. As três linhas do capitalismo burocrático são: i) a linha latifundiária no campo, da manutenção do latifúndio e repaginação deste sob a modernização aparente, com o poder latifundiário na política sendo garantido para que os projetos de reforma agrária sirvam apenas à manutenção da ruína da produção camponesa e as massas camponesas sejam corporativizadas contra o proletariado; ii) a linha burocrática na indústria, que é a linha do desenvolvimento industrial servente ao imperialismo, feito pelo capital imperialista e em parceria com o latifúndio semifeudal, para que sejam exploradas matérias-primas e força de trabalho baratas; iii) a linha burocrática ideológica, que é a propaganda do capitalismo burocrático feita pela grande mídia monopolista, a propaganda eleitoreira, pacifista, de criminalização da luta, de apoio aos golpes militares, sendo também e principalmente a linha da educação controlada pelo velho Estado para a formação de adultos castrados e ideologicamente fragmentados. Assim, as escolas e universidades são grandes trincheiras da luta ideológica sob o capitalismo burocrático e devem tornar-se em bases de apoio da Nova Democracia. O Presidente Gonzalo afirma que a contradição essencial do capitalismo burocrático com a Nova Democracia é a contradição entre o caminho burocrático e democrático. Estas são suas contribuições sobre a tese do capitalismo burocrático.

Temos agora todas as contribuições e aportes de validez universal do Pensamento Gonzalo delineadas. Verificamos que são justos os aportes, considerando a realidade da Revolução Peruana e das revoluções em todo o mundo. Em dez anos,

sob a Linha Ideológica marxista-leninista-maoísta, principalmente maoísta, adotando, aplicando e defendendo o Pensamento Gonzalo, as massas peruanas chegaram ao equilíbrio estratégico na guerra popular peruana. Este é um grande feito e mesmo com o genocídio fujimorista não se pode derrotar a Guerra Popular e o Partido, que vem se reorganizando. No Brasil, não adotamos o Pensamento Gonzalo nem deveríamos, pois este é um Pensamento Guia da Revolução Peruana, constituído na realidade concreta peruana. Contudo, devemos compreender e adotar os aportes de validez universal deste Pensamento, que são aportes maoístas.

A URC-AV defende a reconstituição do Partido Comunista do Brasil como Partido Comunista marxista-leninista-maoísta, reconhecendo os aportes de validez universal do Pensamento Gonzalo. Defendemos a reconstituição de um partido que seja a imagem e semelhança do proletariado em luta em nossos tempos, que esteja à altura da mais alta tarefa do proletariado, a condução da Revolução, à altura da Ofensiva Estratégica da Revolução Mundial, que possa destruir o velho Estado e construir o Novo Poder e Novo Estado, de um partido com caráter de massas, que reconheça e aplique a luta de duas linhas em seu seio e o Centralismo Democrático. Assim, conformamo-nos em uma fração defensora das teses da reconstituição e da luta revolucionária em curso no Brasil.

Defendemos e pleiteamos que a Linha Vermelha, a linha do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, só pode ser imposta pela luta de duas linhas democrática, que a unificação das forças revolucionárias do Brasil está intimamente ligada à luta de duas linhas e só pode ocorrer por intermédio dela, bem como é o caso para a reconstituição do Partido, e que devemos nos temperar nesta e na luta de classes para podermos dirigir as massas e servir o mais alto propósito da Guerra Popular como passo essencial para o lançamento da Revolução Brasileira como parte integrante da Revolução Mundial, que varrerá da terra o imperialismo e todos os seus males, o capitalismo burocrático e a semifeudalidade, a opressão nacional e dos povos oprimidos do mundo, a exploração do homem pelo homem.

Linha Internacional

Hastear bem alto a bandeira do Marxismo-Leninismo-Maoísmo significa defender a Linha Internacional da Revolução Mundial, a linha das guerras populares

em curso, linha já vitoriosa, que nos guiará até o luminoso Comunismo. Como disse o grande Manoel Lisboa, a maior prova de internacionalismo é fazer a Revolução em seu próprio país. Isto significa que devemos construir nossa Revolução Brasileira como parte integrante da Revolução Mundial, por um lado, e que devemos combater a nível nacional e internacional as linhas erradas, revisionistas, burguesas, que buscam passar-se por revolucionárias.

A base da unidade do Movimento Comunista Internacional é o Maoísmo, a luta de duas linhas, a utilização do método de crítica-unidade-transformação para que seja formada a unidade em torno desta bandeira. Sabemos que existem diversas linhas aburguesadas em nosso movimento nacional que buscam passar-se por comunistas e internacionalmente também. Os khruschovistas que mancham o nome do Marxismo-Leninismo são hoje os elementos mais aparentes do revisionismo moderno. Contudo, delineia-se também uma linha obscura que busca afirmar-se adepta do Marxismo-Leninismo-Maoísmo ou Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Zedong. Esta linha obscura é aquela a qual o CO burocrata e direitista da URC vem se ligando, por mais que tentem o negar em palavras. Teórica e praticamente, não fazem mais que reproduzir a confusão de ideias e as intrigas, desclassificações e o ecletismo desta linha.

Que dita esta linha? Ela dita a defesa da "construção socialista" em nações que nunca passaram por Revolução Socialista, dirigidas por revisionistas, todos eles opostos ao Maoísmo, bem como a colaboração com o revisionismo e oportunismo de todo tipo, dita, ela mesma, a negação do Maoísmo, da Ideologia como sintetizada pelo Presidente Gonzalo e como aplicada ao redor de todo o mundo nas guerras populares e especificamente no Brasil pelas diversas organizações revolucionárias de nosso povo. Ela dita a desclassificação política dessas organizações, a mentira sobre elas, a falta de reconhecimento de seus trabalhos e sobretudo renega-se à luta de duas linhas, pois é frágil e não se sustentaria dentro de uma discussão democrática. Vimos isto mesmo ao propor o documento de retificação da organização levantando as teses maoístas. Logo os direitistas apressaram-se em tanto negar quanto desclassificar o debate, desrespeitando o Centralismo Democrático e a concepção de luta de duas linhas, impondo medidas burocráticas contra todos que hoje sem vacilar opõem-se total e completamente a eles. Enquanto chamam de ultraesquerdistas, sectários e até mesmo de academicistas os que lutam no Brasil ou propõem a crítica justa para a integração à luta de classes mais elevada, os direitistas do CO isolam-se, e cada vez mais, de todas

as organizações revolucionárias brasileiras, continuam imóveis e incapazes de fazer o que quer que seja sem o apoio de militantes de organizações oportunistas e encastelam-se em suas "investigações" que não os fazem avançar um palmo no caminho para a unidade sob a Ideologia Científica do Proletariado Internacional. De fato, cada vez mais distanciam-se desta, dissimulando este afastamento completo com falsas discussões que excluem suas bases e buscam impor conclusões à realidade brasileira antes de extraí-las desta realidade e de nosso trajeto revolucionário.

A linha da "reconstrução" do CO da URC opõe-se à linha da reconstituição. A primeira define-se, pragmaticamente, pois não há teoria que a guie, como a linha do sequestro das bases desiludidas dos partidos revisionistas e demais partidos oportunistas. A segunda define-se claramente como a linha da reconstituição pela unificação das forças revolucionárias em torno da tarefa do lançamento da Guerra Popular, unificação que se dá pela luta de duas linhas, define-se pela necessidade da ligação estreita com as massas, desenvolvida através dos organismos gerados. Assim, firma-se a oposição entre a linha da Guerra Popular e do capitulacionismo e reboquismo, entre a integração à Revolução Mundial e ao revisionismo moderno, organizado internacionalmente por direções de importância pretérita e de vacilação conhecida por todo o Movimento Comunista Internacional, direções burocráticas, que isolaram-se dos revolucionários expulsando-os do seio de suas organizações e tomando de assalto a estas de forma golpista, em ação mais digna das pretensões de um bakuninista na Associação Internacional de Trabalhadores que de um comunista.

Nós somos pela reconstrução da Internacional Comunista marxista-leninista-maoísta, pela luta de duas linhas no Movimento Comunista Brasileiro e no Movimento Comunista Internacional pelo estabelecimento do Marxismo-Leninismo-Maoísmo como mando e guia da Revolução Mundial, reconhecido por todos como tal, como a pedra angular das guerras populares que serão lançadas em cada país pela conquista do Poder. No Brasil, verificamos que a contradição principal é entre a Revolução Agrária e a contrarrevolução feudal, que devemos desenvolver, elevando a Revolução Agrária, a apoiando e integrando, uma Revolução de Nova Democracia ininterrupta até o Socialismo, considerando a Guerra Popular a mais alta forma de resolução de nossas contradições nacionais.

O movimento revolucionário brasileiro

O movimento revolucionário no Brasil vem crescendo com a decomposição do imperialismo e do capitalismo burocrático, mas principalmente desenvolveu-se como fruto da luta ferrenha e firme em princípios que os democratas de nosso país, os verdadeiros democratas, travaram e travam contra os reacionários abertos, oportunistas eleitoreiros e contra as linhas oportunistas dentro do próprio movimento. O grande Lênin nos dizia que lutar contra o imperialismo sem combater o oportunismo não é suficiente. Unindo esta tese à do Presidente Mao sobre o lugar do antagonismo na contradição, devemos perceber que o oportunismo pode ocupar tanto o local de uma contradição ideológica quanto o de uma contradição de classe. Se não é combatido, quando ainda há possibilidade de luta interna, decerto se encaminhará para a segunda posição, deixando de auxiliar o imperialismo indiretamente para auxiliá-lo diretamente.

No seio do movimento, o oportunismo deve ser combatido pela luta de duas linhas, por isso devemos sempre fomentá-la, compreendendo-a de forma diferente da luta de classes, como luta ideológica na qual se deve implementar o método dialético para a unidade: a crítica, autocrítica e transformação. Contudo, isto não implica que devemos acolher organizações oportunistas ou sermos brandos em nossas críticas a elas. O Partido Comunista é um Partido oposto a todos os partidos representantes da burguesia e a todas as suas organizações subordinadas. Isto significa que ele combate essas organizações, visando tomar a direção do movimento como um todo e desfazer o engodo da política burguesa, o velho engodo do Estado conciliador dos conflitos de classe. Tanto mais devemos combater as organizações que pintam-se de vermelhas ou populares e que enganam muitas bases honestas em seu projeto de submissão ao imperialismo e manutenção do velho Estado. O que alguns colocam como sectarismo deve ser pelos comunistas visto como demarcação de posição, demarcação clara, que possa ser compreendida por nós, democratas e revolucionários, pelas bases que os oportunistas enganam e corrompem, bem como por todas as massas, principalmente pelas massas e companheiros democráticos e revolucionários. O método dialético para a unidade implementamos com organizações e companheiros democráticos e revolucionários. O oportunismo, assim como fascismo do qual ele é antessala, se

esmaga, se retira do caminho para libertar a onda revolucionária das massas revoltosas.

Devemos dizer com todas as letras: os oportunistas eleitoreiros comandantes de turno do velho Estado do Partido dos Trabalhadores (PT), do Partido Democrático Trabalhista (PDT), do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), os que se apropriam do nome Partido Comunista para espalhar revisionismo, nominalmente o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), agora em fusão com o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista Revolucionário (PCR), entre outros, são ou inimigos de classe abertos ou oportunistas. Longe de representarem "frações anti-imperialistas", como declarado por líderes ideológicos do CO apodrecido da URC e como declarado em documento oficial da organização nunca retificado e em seu órgão de propaganda, a Revista Nova Cultura, na época do seguimento processo de fascistização do Estado no Brasil, os primeiros representam precisamente a submissão ao imperialismo. A gestão de turno petista foi servente do Fundo Monetário Internacional (FMI), implementado desavergonhadamente todas as suas políticas, foi a gestão que nos trouxe a falsa Reforma Agrária para o impulsionamento do latifúndio de novo tipo, inclusive por meio de obras que buscaram ferir o Movimento Camponês e arruinar ainda mais a economia camponesa, bem como por meio da crescente violência contra o campesinato. Luíz Inácio, o grande chefe da união PT-FMI, já como liderança sindical agia de acordo com o sindicalismo ianque, financiado por aquelas bandas pela CIA para desagregar o movimento combativo. Aqui, corporativizou os sindicatos submissos à Central Única de Trabalhadores (CUT) à moda fascista, projetando-se como líder a ser cultuado. Sua sucessora, a traidora Dilma Roussef, responsável pela delação de ao menos um companheiro do PCdoB-AV na época da Ditadura Militar, implementou com o aval do dono do PT, Luíz Inácio, as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) nas favelas sob os olhares contentes de um Joe Biden e de outros imperialistas e genocidas. Por quatorze anos vimos esta gestão assassinar o povo, submeter a nação e aplicar a modernização aparente enquanto distribuía esmolas para as massas trabalhadoras como forma clara de engano. Vimos ela pavimentar o caminho para o fascismo, com a corporativização sindical de Lula, com a instituição da política de culto ao líder, com o vilipêndio do Movimento Camponês combativo e auxílio ao crescimento do latifúndio, com o fomento da penetração imperialista e com medidas como a instituição da

fascista Lei Antiterrorismo de Dilma Roussef (hoje usada para criminalizar ainda mais o Movimento Camponês combativo) para calar o justo protesto das massas.

Descontando-se as condições históricas, o PT serviu o mesmo propósito que o Partido Social-Democrata da Alemanha na República de Weimar (chamada pelo CO revisionista da URC de "Alemanha progressista anterior ao nazismo" na revista nº 11, p. 50) e sua gritaria sobre um golpe parlamentar surgiu apenas para apaziguar as bases mais radicalizadas e as frações internas mais crentes em seu projeto de submissão. O PDT, por sua vez, é representante tanto de frações da burguesia burocrático-compradora quanto de latifundiários, desenvolvendo internamente, e cada vez mais, uma ideologia fascista que se passa por trabalhista apenas para os incautos. O PCdoB, em aliança com sua matriz petista e com o PSB, desenvolve o trabalho de submeter o Brasil à grande burguesia ianque e chinesa. Flávio Dino, que agora sai deste partido para passar ao mais próximo, utiliza em sua gestão do Maranhão a polícia fascistizada contra a população que luta por moradia e terra, lutando em favor do capital chinês. Cada vez mais este partido mostra-se não apenas como revisionista, mas como abertamente reacionário e inimigo do povo. A juventude que controla e entorpece ideológica e fisicamente é corrompida desde as bases para servir de escudo à justa crítica das massas e à sua revolta, buscando, de forma muitas vezes ao mesmo tempo revoltante e cômica, contrapor-se aos movimentos combativos. Tudo isto é comprovado. Todos esses partidos devem ser vistos pelo que são: inimigos abertos das massas trabalhadoras.

Os movimentos ligados a estas organizações, principalmente a direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), já abandonaram há décadas qualquer compromisso com as massas, se algum dia tiveram, e agora buscam corromper suas bases e manterem seus estreitos laços com o burocratismo oportunista. As lideranças encasteladas do MST tiveram vida fácil e gordas benesses durante a gestão de turno petista, adentando os altos postos do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e do Ministério do Desenvolvimento Agrário, de onde comandaram a falsa Reforma Agrária e a repressão do Movimento Camponês combativo, fazendo falsas promessas às bases enganadas de uma melhoria de suas condições pela via pacífica (na prática pedinte) e pela manutenção dos oportunistas no governo. Muito antes do governo petista, já essas direções podres e traidoras denunciavam para a polícia companheiros em luta em Rondônia, causando a morte de mais de uma dezena de camponeses, ferimentos a centenas e o desalojamento de mais

de 600 famílias. As medidas defendidas por esta corja de vagabundos para o campo facilitaram a penetração do capital na produção camponesa e a conformação de um latifúndio de novo tipo que vem oprimindo camponeses e seus movimentos por todo o Brasil. Se chamamos a isto de organização de massas ou democrática, fazemos troça da cara das massas e manchamos a palavra democracia como a compreendemos. Seria o mesmo chamar de democrática a fração burguesa que usurpou do proletariado o poder na Revolução Democrática da Alemanha no meio do século XIX. Assim como eles, esses oportunistas são pela luta até tomarem sua parcela do poder, depois a condenam e chama de arruaceiros, terroristas e outras coisas aqueles que não capitulam e aqueles que lutaram até o fim, derramando seu sangue pela causa justa da terra. O PT, de forma geral, não faz outra coisa, e isso não precisamos nem dizer, desde que lembremos de junho de 2013.

O campo conformado pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), em partes, pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), pelo mais falso que nota de três reais Partido Comunista Revolucionário (PCR), pela sua seção "de massas" Unidade Popular pelo Socialismo (UP) e pelos diversos partidos trotskistas que surgem como larvas numa lata de lixo em nosso país (Partido da Causa Operária, Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado etc.), estando intimamente ligado com os partidos eleitoreiros gestores de turno, deve ser particularmente analisado e analisado como oportunista, antes de tudo. Este é o grande campo do "Poder Popular" onde convivem os nossos "marxistas-leninistas" mais khruschovistas que o próprio Khruschov, de braços dados como os trotskistas. Esta vanguarda do atraso, linha auxiliar do velho Estado, representa a face mais aparente do revisionismo moderno, propondo desde teorias dependentistas e analisando de forma dogmática as contradições internas de nossa nação até ideologias como o ecossocialismo. Qual é sua função? Promover e renovar o reformismo eleitoreiro enquanto lança palavreado radical para as massas, enganar a juventude e as minorias com discursos de acolhimento que em nada são refletidos pela ação concreta contra as mazelas sociais e contra a opressão, muito menos contra a exploração. Os mais bem posicionados na hierarquia burocrática desta fração são traidores diretos do povo e fraseadores dos mais baratos, enquanto os mais subordinados dispendem seu tempo e "intelectualidade" para justificar ideologicamente a construção do "Poder Popular" embasado em nada além da promessa de um governo "progressista'. Para além do interesse acadêmico roto, desprezam de tudo a violência revolucionária, na teoria e prática promovendo a visão

de uma transição pacífica e tão conciliadora quanto impossível. Os que ainda têm a pachorra de chamarem-se comunistas buscam "harmonizar" programas com todos os demais, enquanto rechaçam as massas aguerridas e suas organizações democráticas e revolucionárias como sectárias por não fazerem tais compromissos inúteis e anti-marxistas. As bases dessas organizações desiludem-se e deixam-nas cada vez mais. As massas, e elas são o principal, jamais lhes darão qualquer aval, nem as organizações buscam isso, uma vez que só servem de palanque para os verdadeiros donos da bola.

No caso das organizações ligadas a eles, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e outros movimentos por moradia, vemos uma situação tão vil quanto no caso do MST. O exemplo do MTST nos é paradigmático: uma organização controlada por anseios eleitoreiros e que coloca a legalidade acima das necessidades das massas, uma organização que orienta suas bases para o combate dos democratas e revolucionários, para a ação policialesca, uma organização cujo pretérito líder, o oportunista Guilherme Boulos, em 2014, às vésperas da abertura da Copa, durante coletiva sobre as manifestações, recebeu um telefonema de Dilma Roussef e pela promessa de um terreno cancelou sua participação nas lutas justas do povo. As lideranças encasteladas estão diretamente envolvidas na denúncia de companheiros para a polícia. Cada vez mais, o que elas buscam é aproximar-se do burocratismo estatal para conquistar seus carguinhos, utilizando as massas de tapete para o trono decadente. Para além dele, porém, devemos saber e ter por certo que as organizações que buscam declarar-se combativas nada fazem além de utilizar a sua influência como forma de chantagem das massas, promovendo o pacifismo e a extorsão de votos digna de milicianos. As juventudes são corrompidas e levadas à prática fraudulenta nas universidades. As lideranças ideológicas promovem atitude policialesca frente as organizações combativas e buscam silenciar os revolucionários, auxiliando sua criminalização.

Junto à decomposição do imperialismo e do capitalismo burocrático, decompõem-se as organizações oportunistas auxiliares e os inimigos do povo que se pintam de vermelho. Basta ver a sanha de se repaginar destas organizações (fusão do PCdoB e PSB, criação da UP etc.), o aumento de seu desespero frente a derrota eleitoral (as declarações de lideranças do MST para apaziguar as bases e negar a tomada de terras antes da chegada do conciliador-mor Luíz Inácio), as suas tentativas de instrumentalizar a justa revolta das massas contra o fascismo crescente para seus desígnios eleitoreiros e de desclassificar a campanha pelo boicote que está de acordo

com os rumos da vida social e da luta no Brasil etc. etc. etc. Basta ver, sobretudo, a tentativa de condenar a violência revolucionária como aventureira e sua propaganda como ultraesquerdista para que seja mantido de pé o velho Estado que as alimenta. Que devemos fazer? Apressar esta decomposição! Devemos golpear de morte o oportunismo, tomando direção do movimento revolucionário, unificando forças sob a bandeira do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, fazendo propaganda revolucionária pela Revolução de Nova Democracia, cerrando fileiras com as organizações democráticas e revolucionárias do povo e especialmente do proletariado. Devemos conformar uma vanguarda consequente e temperada pela luta de duas linhas e luta de classes, compromissada com a derrubada do velho Estado e construção do Novo Poder, dirigida por um Partido Comunista marxista-leninista-maoísta. Sem isso, agimos nós mesmos como auxiliares deste movimento de repaginação e caímos nós mesmos no reboquismo mais crasso e doentio. Não basta condenar o oportunismo em palavras, devemos varrê-lo, conduzir a luta das massas contra ele.

O CO direitista da URC não reconhece a isto. Muito pelo contrário, condena os companheiros democráticos que lutam contra o oportunismo como ultraesquerdistas e sectários, taxando-os, de forma aviltante, às escondidas, de gonzalistas, senderistas, à moda da reação mais crassa, à moda policialesca das organizações oportunistas como o PCR (basta ver o que disse Luíz Falcão em suas declarações na Internacional revisionista da qual o partideco é parte). Seu compromisso está com as bases cheias de vícios das organizações oportunistas e não com as massas. Seu compromisso está com não ofender os oportunistas e manterem ares de "sensatez" frente a eles e suas bases para não se isolarem. Ora! Que organização está mais isolada que a URC? Isolada do Movimento Comunista Internacional que já rompeu com a decadência e vacilação em defender a Ideologia Científica do Proletariado Internacional e com o burocratismo que expulsou os maoístas da luta de duas linhas dentro de organizações submetidas agora ao revisionismo e capitulacionismo de líderes que nada fazem além de lançar mentiras sobre o processo revolucionário no Peru e sua liderança máxima e chefatura, aprisionada e incapaz de responder; isolada do Movimento Comunista Brasileiro, declarando abertamente que não vê possibilidade de ação conjunta com companheiros democráticos que conduzem nossa mais alta luta por discordâncias ideológicas e negando-se às escondidas à luta de duas linhas (conosco e com quaisquer maoístas) por ser de conhecimento do CO direitista que todas as bases veriam a justeza das críticas dos revolucionários; isolada mesmo dos oportunistas, cujas feridas mais

horrendas e purulentas se prestam a lamber, com propostas absurdas de "anti-imperialismo petista", "democratismo e caráter de massas do MST", "PT anti-latifúndio" etc., pois estes não reconhecem nem mesmo a existência da organização senão em círculos estritos e ecléticos que nada fazem além de ajudar a manchar o nome do Maoísmo. Este CO é parte da mesma decomposição! Faz-se necessária a crítica de esquerda, a imposição da Linha Vermelha, a destruição do direitismo e burocratismo, a integração dos companheiros honestos não nesta disputa podre e sem princípios com o oportunismo, nesta disputa de aparências que renega o Maoísmo sempre que conveniente, mas na luta de duas linhas dentro do Movimento Comunista Brasileiro e Internacional pela unificação em torno da bandeira tremulante do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo, a terceira e superior etapa do Marxismo!

A Revolução Brasileira e a Revolução Agrária

Nós, combatendo a tradição direitista deste CO, devemos compreender o que ele vem renegando, mistificando e escondendo, ou afirmando sem convicção ideológica e sem adentrar a luta conjunta, a rechaçando como ultraesquerdista, devemos compreender àquilo que o CO descarta e só reconhece, em palavras, pela pressão das bases ou como interesse acadêmico, que é a luta verdadeira e mais elevada de nosso povo.

Nosso problema central no Brasil, nossa contradição principal, é definida pela nossa formação histórica e econômica dentro da luta de classes a nível mundial e nacional. Isto quer dizer que nos formamos como nação colonizada, primeiramente, submetida à metrópole europeia, com Portugal, Holanda, Espanha e Grã-Bretanha compartilhando os primeiros espólios de nossa dominação, do genocídio indígena, tráfico negreiro e produção de exportação feita por grandes senhores de terras, donos de capitania e sesmeiros. O colonialismo britânico passou a dominar nossa nação e depois institui-se aqui na fase imperialista, promovendo uma burguesia burocrático-compradora, mas também a manutenção dos senhores de terra, latifundiários. O imperialismo ianque, que começa a se consolidar com a Primeira Guerra Mundial e torna-se em imperialismo de superpotência após a Segunda Guerra Mundial não cumpriu outro papel. Da criação das capitanias e sesmarias e proibição do uso de terras públicas pelos camponeses até a Lei de Terras de 1850 e Reforma Agrária do PT-FMI,

foi apenas formalmente que nosso problema se modificou, enquanto seu conteúdo permaneceu o mesmo, seguindo a via burocrática do capitalismo burocrático desde os fins do século XIX. A indústria monopolista subordina o pequeno e médio capital, promovendo a produção latifundiária para que seja barateada a matéria-prima e para que sejam rebaixados os salários do proletariado. O latifúndio está mais do que feliz em ajudar neste empreendimento, pois daí adquire suas benesses e a garantia da manutenção das terras, da produção e da renda em suas mãos, conformando-se, portanto, uma vasta multidão de camponeses sem terra e com pouca terra e pequenos e médios camponeses com economia constantemente arruinada. No campo, a contradição entre o velho e o novo é mais aguda, é a fonte das contradições na cidade.

Dentre as organizações democráticas e revolucionárias de destaque no Brasil vemos a Liga dos Camponeses Pobres (LCP), a Liga Operária (LO), o Movimento Estudantil Popular Revolucionário (MEPR) e o Movimento Feminino Popular (MFP), entre outras, conduzindo justas lutas em cada um de seus campos de atuação. Tendo em conta tanto a nossa contradição principal quanto o comprometimento e luta de nossos companheiros democratas e revolucionários, devemos destacar a atuação da LCP, importantíssima principalmente hoje, em momento de repressão aberta do Movimento Camponês, para que sejam levadas a cabo as tarefas democráticas e de Nova Democracia no campo.

A LCP, desde sua fundação, desde a luta de duas linhas no Movimento Camponês Corumbiara e antes nisso na demarcação de linha com o oportunismo do MST que regou com sangue seu trajeto revolucionário, vem conduzindo, sem vacilar, uma Revolução Agrária em nosso país, parte integrante de nossa Revolução de Nova Democracia e da Revolução Brasileira como um todo, bem como da Revolução Mundial. Devemos reconhecê-lo, sobretudo, não porque o declaram em programa, mas porque o fazem na prática. Diferente do que faz crer o CO direitista, os processos da LCP tem sentido oposto e completamente diferente dos processos do MST, desde a formação de seus militantes, iluminados pela luz de uma Ideologia vitoriosa e não do reformismo, até os processos políticos dos mais simples aos mais complexos. O Corte Popular, em específico, não mantém qualquer semelhança com a demarcação de terras feita pelo MST, como coloca o falso, pois falsamente comunista, CO da URC. Muito pelo contrário, ele é feito em terras de fato tomadas do latifúndio e não compradas deste pelo Estado latifundiário-burguês, é feito de acordo com o lema “terra para quem nela vive e trabalha” e não como uma nova instituição de arrendamento que beneficia

lideranças encasteladas e o próprio latifúndio, é feito com a função política e praticamente levada a cabo da instituição dos embriões do Poder para o campesinato e é feito sob direção revolucionária e não burocratizada. Ainda é importante destacar que é feito de forma imediata pela tomada de terra e não como fruto de uma falsa vitória obtida pela prática da mendicância instituída por uma direção que em nada se importa com as massas e que seu resultado não é a inevitável subordinação dos camponeses aos latifundiários de fazendas vizinhas, como é o caso no MST, mas a instituição de embriões do Novo Poder.

De forma completamente oposta ao MST, a LCP não mantém vínculo com a burocracia estatal nem confunde a luta legal com a luta principal, que é a luta pela terra de fato, que não aceita quaisquer entraves. A tomada de terras e repartição delas sem indenização, que cumpre a tarefa de instituição dos embriões do Novo Poder, deveria ser e é de importância máxima para todos os maoístas e democratas, mas não para o CO direitista que dita em palavras coisa parecida em "seu" programa de 15 pontos, mas jamais se compromissou fosse com essa luta fosse com sua defesa clara e ideologicamente orientada, a utilizando, de fato, para se autopromover no Brasil e internacionalmente. Aqui dentro, dizem que não coadunam com a luta contra o oportunismo promovida pela LCP, lá fora, buscam resguardar sua linha de críticas em meio aos fumos do "democratismo" de boca. Um passo do movimento real é mais importante que uma dúzia de programas, dizia Marx. Os camponeses vivem e morrem por esta máxima, enquanto os "jovens hegelianos" do CO com sua "crítica crítica" apontam seus dedos para todos os cantos para dizer que isto ou aquilo não está de acordo com suas concepções dogmáticas e, elas sim, verdadeiramente sectárias.

Os dois caminhos do Movimento Camponês foram definidos em 1996, com a Heroica Resistência de Corumbiara. Desde então, não houve mais volta e nem haverá. Esses dois caminhos vêm se delineando nas cidades também. Junho de 2013 foi prova e as manifestações por todo o Brasil nos últimos meses são prova, a crítica elevada ao oportunismo que busca tornar as justas manifestações em palanque é prova. Tomando a posição direitista em ambos os primeiros acontecimentos e posição alguma (novamente direitismo) no terceiro, condenando os camponeses por demarcarem linha clara com o oportunismo e os militantes combativos nas cidades por não caírem no alarido de golpe do petismo apodrecido, desprezando a análise que já datava de antes da existência da própria URC da fascistização do Estado, hoje tão claramente comprovada que nem mesmo a URC pode a negar, mas apenas dissimular sua

verdadeira posição pretérita sem fazer a mínima autocrítica, o CO da organização cimenta sua posição oposicionista a todo o movimento revolucionário brasileiro, ao Movimento Comunista Brasileiro, todo ele centrado na promoção da destruição do fascismo, das classes reacionárias, do velho Estado, do capitalismo burocrático e do imperialismo, a começar pelo latifúndio, nossa maior mazela e a que vem sofrendo os mais duros golpes por meio do Movimento Camponês combativo.

Como caminhará a Revolução Brasileira? Caminhará de acordo com a elevação da Revolução Agrária, com a destruição do latifúndio, de acordo com os passos do grandioso Movimento Camponês combativo. Devemos o saber como o soube Rui Facó, por exemplo, a quem os direitistas gostam de se remeter, mas cujas palavras não compreendem senão a nível "intelectual". O Movimento Operário também se organiza há décadas e cada vez mais em torno das pautas democráticas de nosso povo e as massas trabalhadoras saberão reconhecer a unificação das forças revolucionárias em cada canto, sendo guiadas voluntariamente por uma vanguarda consequente que se formará. Decerto, a Revolução Brasileira não caminhará pela via da união com organizações vacilantes e oportunistas para "reconstruir" o Partido, como quer o CO direitistas. Não caminhará pela via da negação, dissimulação ou das mentiras sobre a luta no campo. Isto devemos ter bem claro.

Hastear a bandeira da Revolução Brasileira significa hastear a bandeira do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, a bandeira da Revolução de Nova Democracia ininterrupta até o Socialismo e a bandeira da Revolução Agrária, que varrerá de nossa terra o latifúndio pútrido e decadente. Todas as bases honestas da URC ainda sob o mando do CO direitista o sabem e resta e elas compreender profundamente o que isto significa para o prosseguimento de nossa luta e qual a significação profunda da ruptura que fizemos primeiro com as teses direitistas e depois com toda a organização, expulsos, sim, mas de forma alguma derrotados, antes vitoriosos e cada vez mais convictos de nossa posição democrática e revolucionária.

Problemas da Linha Oportunista de Direita da URC defendida pelo CO revisionista

Como já foi dito, em espírito fraternal e tão rígido quanto necessário, de forma alguma submissos ao burocratismo que já se fazia aparente, buscamos tecer críticas à

URC antes de conformarmo-nos em fração a parte e apartada do revisionismo do CO. Assim, devemos delimitar o primeiro problema da URC e aquele que condenará a toda a organização dirigida pelos direitistas e os esforços dos companheiros honestos presentes em suas fileiras, principalmente a nível de recrutamento, que decerto se levantarão contra as medidas burocráticas e contra a Linha Oportunista de Direita definida pela organização. Este problema é o da negação da luta de duas linhas, a condução burocrática da organização, o silenciamento das críticas, o autoritarismo e negação completa do Centralismo Democrático dentro da organização. Provou-se impossível disputar sob a "liderança" oportunista a Linha Vermelha, provou-se impossível impô-la pela disputa democrática e pelo debate. O debate foi negado e falseado, cuspido e repisado mesmo com a imposição de exigências mínimas e justas para que fosse feito (quem renega uma comissão de apuração renega mesmo o mais fino véu da democracia interna). O CO está mais que feliz em disputar com o oportunismo promovendo sua ideologia confusa e anti-marxista como a linha de centro, razoável e aceitável aos militantes cheios de vícios egressos de organizações oportunistas que enganam, contudo, renega a luta interna com suas bases e renega, o que é mais problemático, a luta de duas linhas de forma geral com as organizações que de boca tanto condenam como ultraesquerdistas e sectárias. Preferem dizer que os que lutam internamente pelo Maoísmo são agentes externos dessas organizações que reconhecer a derrota de sua linha eclética, que não serve a nenhum propósito revolucionário e nunca serviu.

O segundo problema, e o problema principal, é precisamente o problema da Linha Ideológica, da Ideologia, que é problema contra o qual nossas críticas se dirigiram. Esse problema, que pode parecer superficial para aqueles que consideram a Ideologia um problema de nomenclatura, é bem profundo. A negação do reconhecimento integral do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, a confusão entre Pensamento e Ideologia, confusão entre síntese e agrupamento de aportes universais, isto é, o escamoteamento do debate para um simples debate sobre a função linguística de apresentação simétrica do Maoísmo, tudo isso se conforma na negação do Maoísmo, de sua teoria e prática. Apresenta-se claramente, e tudo isso pode ser verificado na Revista Nova Cultura, como a negação da diferença entre Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Zedong e Marxismo-Leninismo-Maoísmo, apresenta-se como, e isto pode ser verificado na reprodução acrítica de teses revisionistas no site da Nova cultura, a negação da validez universal da Guerra Popular, apresenta-se, e isto

todos que tiveram contato com a organização o sabem, como a condenação dos maoístas a posição de ultraesquerdistas, senderistas, gonzalistas e agentes externos de tal ou qual organização democrática, como a atitude policialesca contra atividades e teses dos companheiros que buscam se mover quando a organização permanece em sua petrificação e degeneração. O não-reconhecimento da síntese do Maoísmo vem junto com a empáfia da promoção de uma síntese própria por este mesmo CO que não está presente em nenhuma luta revolucionária no Brasil e que contrapõe as lutas revolucionárias em curso e denota oposicionismo contra elas. Esta síntese tão "própria", claro, não passa da repetição de teses desenvolvidas desde a matriz internacional revisionista da organização, do reboquismo mais crasso e contrário a toda a manifestação revolucionária nacional e internacionalmente. Ao invés de conduzirem justa luta de duas linhas quando esta é proposta, os direitistas preferem continuar seus debates burocráticos internos e desligados das massas e das próprias bases pelo falseamento teórico de suas proposições que continuam em essência as mesmas e pelo falseamento completo da Ideologia, a qual não chegam a compreender e muito menos a aplicar.

Analisando a *Campanha: Brasil pela Segunda e Definitiva Independência*, vemos a resultante disto e o terceiro problema. A *Campanha* delineia-se como um ajuntamento de teses ecléticas e de nacionalismo crasso oposto ao internacionalismo proletário e às teses do Presidente Mao sobre a contradição, na prática, hoje, aderindo ao chamamento oportunista de "ficar em casa" e conduzindo atividades dúbias como "cine-clubes" como atividades de formação. Convivem todo tipo de organizações vacilantes e oportunistas dentro desta campanha, e sendo a campanha um dos carros chefes da organização e sua falsificação de uma Frente isto é tanto mais grave. Não é feita luta de duas linhas internamente, mas antes é feita a assimilação acrítica de militantes de organizações vacilantes e oportunistas para que ela seja conduzida minimamente onde existe. Pulam-se etapas da Revolução Brasileira e é confundida completamente a contradição entre nação e imperialismo, em nossa época e nação secundária frente a contradição entre latifúndio e massas. As tarefas democráticas que ditam a *Campanha* apresentam-se desligadas da concepção marxista-leninista-maoísta de Revolução Democrática, apartadas das justas reivindicações das massas e principalmente da luta já existente no campo.

Não é feito verdadeiro estudo da trajetória do P.C.B. e assim se estabelece a confusa tese de "reconstrução". Ignoram-se os passos verdadeiros deste Partido, sua

fundação em 1922, constituição como Partido marxista-leninista em 1962 e seu processo de reconstituição como Partido Comunista marxista-leninista-maoísta, posterior à Chacina da Lapa e traição de João Amazonas. É declarado o fim do Partido 1976 e aclamada sua "reconstrução' em bases pífias e insuficientes, sem existir sequer uma indicação de como esta "reconstrução" se daria para além da tese cômica de que o CO iria por mágica tornar-se no órgão dirigente deste Partido. Isto é uma negação completa e desavergonhada da luta conduzida por todos aqueles que buscaram reconstituir o Partido após a sua traição e que jamais vacilaram ou capitularam frente a falsa anistia dos assassinos da Ditadura Militar. Renega-se completamente, ainda, a própria concepção leninista de formação de militantes e quadros por meio da sua integração ao trabalho nos organismos gerados e a tese maoísta da violência revolucionária como ponto central da construção partidária. Este é o quarto problema. Não fazer balanço justo da história do P.C.B., renegar a luta principalmente das últimas duas décadas e negar o reconhecimento de seus avanços no campo e na cidade, isto é o projeto direitista do CO para continuar enganando suas bases na linha confusa da "reconstrução".

O quinto problema está no próprio recrutamento, uma formação eclética, virtual e digna de grupo de estudos (não-marxista), mas não de organização revolucionária, na qual é colocado como impeditivo para o adentramento na organização a falta de prática, mas não é proposta a prática senão desorganizada e com organizações oportunistas. Há gigantesca dispersão dos militantes e, o que é pior, da própria formação, que não se centra numa Ideologia clara, mas nas vacilantes percepções direitistas dos recrutadores submissos ao CO e na tratativa ora desrespeitosa ora ignorante das questões candentes do Movimento Comunista Internacional e do Movimento Comunista Brasileiro. Deste problema podemos derivar qual é a posição do CO: a posição de encastelamento e imposição de suas teses de forma burocrática. Da expulsão de quem contrapõe essas teses podemos derivar qual sua tratativa da contradição: a burocrática, também, de negação da disputa.

O sexto problema é o problema do órgão de propaganda, a Revista Nova Cultura e o site correlato. Lá é reproduzida acriticamente a concepção de que o Maoísmo é uma questão linguística, são desprezadas nossas grandes mentes e os grandes estudiosos do capitalismo burocrático no Brasil, é desprezada e falseada a luta camponesa, são reproduzidas as opiniões formalistas e vacilantes dos membros do CO sem que a crítica seja respeitada ou mesmo levada em consideração.

O sétimo e último problema é o problema que já delineamos acima, o problema da falsa concepção e da concepção direitista da Revolução Brasileira. A Revista Nova Cultura falseou a Ideologia da LCP, sua luta, e apresentou a “grandiosa” proposta de que a organização, por demarcar posição com o oportunismo do MST, seria “ultraesquerdista” e “sectária”. O CO da URC renega a arma revolucionária da crítica e da luta contra o oportunismo para fazer uso da arma oportunista da intriga e da acusação infundada, mantendo enorme fraternidade, contudo com os próprios oportunistas do MST, atraídos pelo brilho dos números e não pela qualidade do movimento. Além disso, na análise da situação nacional, definem críticas mentirosas sobre a renegação da LCP da análise do “golpe parlamentar”, quanto esta e todos os órgãos democráticos de imprensa que com ela têm qualquer ligação analisaram a ascensão do fascismo como um problema candente desde ao menos 2011. Que posição é esta do CO senão de oposição ao movimento democrático, e verdadeiramente democrático, das massas camponesas em torno da Revolução Agrária?

Disse o Presidente Mao Zedong sobre o Movimento Camponês na China em 1927:

> *Em muito pouco tempo, nas províncias do Centro, Sul e Norte da China, várias centenas de milhões de camponeses hão-de levantar-se como um poderoso furacão, uma tempestade, uma força tão vertiginosa e violenta que nenhum poder, por maior que seja, poderá deter. Eles quebrarão todas as cadeias que os acorrentam e lançarse-ão no caminho da libertacão. Sepultarão todos os imperialistas, caudilhos militares, funcionários corrompidos, déspotas locais e maus nobres. Todos os partidos revolucionários e todos os camaradas revolucionários serão postos à prova pelos camponeses, sendo aceites ou rejeitados segundo a escolha que tiverem feito. Há três alternativas: marchar à frente dos camponeses e dirigi-los? Ficar atrás deles, gesticulando e criticando? Erguer-se diante deles para combatê-los? Cada chinês está livre para escolher dentre essas três alternativas, e os acontecimentos forçarão toda a gente a fazer rapidamente a escolha.*

Aqui também essas posições, as mesmas, se definem, e muito claramente, dentro de nossas condições. O CO da URC já tomou posição: ficará atrás deles apontando dedos e criticando, e o que a história nos mostra? É que quem se posiciona contra o

movimento combativo, se posiciona contra o povo, se posiciona como linha auxiliar - conscientemente ou não, pela ação ou inação - do fascismo. Que os deixemos por lá e integremos esta luta que suplantará com violência toda a velha sociedade!

Conclusão e convocação aos companheiros democráticos

Que mais podemos dizer? Fizemos internamente o chamamento para que todos se unissem em torno da alta tarefa de adentrar a luta de duas linhas dentro da organização e com as organizações democráticas e revolucionárias de nosso país para que fosse hasteada bem alta a bandeira do Marxismo-Leninismo-Maoísmo. Fizemos chamamento pela retificação das posições da organização definindo que haveriam duas vias possíveis para a resolução das contradições em seu seio: a democrática e a burocrática. Trouxemos propostas internas para a retificação, passando do debate à crítica e autocrítica da Linha Ideológica, da filiação internacional, das teses errôneas levantadas na Revista Nova Cultura, para que houvesse a transformação, propondo a cisão com o revisionismo e a discussão do documento de crítica apresentado em Congresso. Nos foi negada a luta de duas linhas interna, nossa Ideologia foi posta como antagônica, a organização pretendeu-se acima de críticas, negando a importância de todas elas e as classificando de mentirosas, e fomos expulsos, com a proposta de dois falsos debates sendo apresentadas e com as cartas bem marcadas sendo colocadas na mesa para ver se desistíamos do debate de vez ou nos submetíamos ao CO e suas medidas burocráticas. Não fizemos nem faremos nem um nem outro, pois não jogamos um jogo de apostas e sim fazemos luta de duas linhas e contra o oportunismo do CO.

Nossas conclusões aqui são as mesmas que apresentamos à organização: iremos hastear bem alto a bandeira do Marxismo-Leninismo-Maoísmo e continuar a luta de duas linhas dentro do Movimento Comunista Brasileiro e junto aos companheiros democráticos do Brasil para que esta bandeira se torne cada vez mais vitoriosa. Não vacilaremos nesta luta e auxiliaremos a ir para o pântano aqueles que para lá se direcionam, pois o verdadeiro isolacionismo lhes pertence e é o isolacionismo frente a todos os revolucionários e democratas do Brasil.

Nós nos conformamos como fração a parte, fração de esquerda, seguidora de uma Linha Vermelha e vitoriosa no Brasil e em todo o mundo. Nos submetemos, sem vacilar, à Ideologia Científica do Proletariado Internacional, o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo, mantendo o nome da organização para contrapor o CO direitista com um Comitê comunista, democrático e que buscará se ligar profundamente às massas e suas organizações destacadas por meio da luta de duas linhas, não pretendendo usurpar a organização, mas sim oferecer outro caminho, o verdadeiramente comunista, para as suas bases e militantes honestos. Defendemos a reconstituição em curso do P.C.B. como Partido Comunista marxista-leninista-maoísta e a integração das forças revolucionárias brasileiras ao mais alto projeto da Revolução Mundial e da Guerra Popular até o Comunismo.

Aos companheiros democráticos fazemos uma convocação simples e clara: romper com o direitismo do CO, avançar a luta de duas linhas junto à fração de esquerda conformada agora como antagônica ao burocratismo, avançar junto à luta de classes, integrando as lutas revolucionárias de nosso povo, e promover o avanço de nossa vanguarda. Não há espaço na URC dominada em sua direção pelo CO direitista para quem de fato quer lutar pela libertação do povo e isto os próprios burocratas comprovaram. Contraporemos o burocratismo com a democracia interna, as teses confusas com uma linha clara e revolucionária, a negação do movimento revolucionário com sua elevação e a Linha Oportunista de Direita com o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, o espelho relevador dos revisionistas.

A União Reconstrução Comunista-Ala Vermelha declara:

VIVA O MARXISMO-LENINISMO-MAOÍSMO!
VIVA A REVOLUÇÃO MUNDIAL!
MORTE AO IMPERIALISMO, CAPITALISMO BUROCRÁTICO, AO LATIFÚNDIO E AO OPORTUNISMO!
ABAIXO A LINHA OPORTUNISTA DE DIREITA!
ESTABELECER A GUERRA POPULAR ATÉ O COMUNISMO!

União Reconstrução Comunista-Ala Vermelha
Brasil, 04 de junho de 2021